Repositório Institucional UNESP

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste documento será disponibilizado somente a partir de 28/05/2027.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara - SP

LUCAS PAOLILLO

PAULO ARANTES E O FERMENTO DA HETERODOXIA:

uma proposta de leitura do itinerário de seus escritos e intervenções (1964-2014)

Araraquara
2025

LUCAS PAOLILLO

PAULO ARANTES E O FERMENTO DA HETERODOXIA:

uma proposta de leitura do itinerário de seus escritos e intervenções (1964-2014)

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Área de Concentração: Sociologia.

Orientador(a): Prof. Dr. Milton Lahuerta

Coorientador(a): Prof. Dr. Sílvio Rosa Filho

Araraquara

2025

P211p

Paolillo, Lucas

Paulo Arantes e o fermento da heterodoxia : uma proposta de leitura do itinerário de seus escritos e intervenções (1964-2014) / Lucas Paolillo. -- Araraquara, 2025

315 f.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientador: Milton Lahuerta

Coorientador: Sílvio Rosa Filho

1. Sociologia da cultura. 2. Escola paulista de pensamento. 3. Filosofia no Brasil. 4. Teoria crítica. 5. Tradição crítica brasileira. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Não é simples avaliar, prematuramente, o impacto de pesquisas como esta. Porém, em respeito aos critérios estabelecidos, e esperados, pelo Programa de Pós-Gradução em Ciências Sociais, pode ser dito da presente pesquisa ser o primeiro trabalho acadêmico defendido, a nível de doutorado e mestrado, que se dedicou a tomar Paulo Arantes como o seu objeto exclusivo – sendo ele, como se sabe, um representante *sui generis* da escola paulista de pensamento com contribuições importantes que vão do seu papel como professor de filosofia ao modo como participa do debate público mais abrangente. Tomar o itinerário dele como objeto de pesquisa e reflexão, do modo como o fizemos, procurando recompor e propor correlações de sentido em seu interior, supre lacunas de matrizes variadas de pesquisa relacionadas à órbita de interesses que o objeto tangencia e suscita. Como resultado do processo de montagem daquilo que chamamos de cartografia de seu itinerário, desenvolvemos, no interior desse processo, propostas de compreensão em torno de um leque de imbricamentos e implicações de maneira a interseccionar linguagens de pensamento diversificadas e situações históricas. Com isso, abordamos assuntos que passam por temas como estruturas de temporalidade; crise e ascensão de movimentos populares; a formação de um ponto de vista crítico e bifronte próprio ao que viria a ser chamado de matéria brasileira; relações entre filosofia, interpretação do Brasil, processo social de formação, materialidade da cultura e literatura comparada; e colapso social. Vale mencionar que, nos últimos anos, a tradição a que Arantes pertence tem despertado, paulatinamente, interesse internacional, como comprovam publicações recentes, no exterior, sobre Roberto Schwarz, Antonio Candido e o próprio Arantes.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

Evaluating the impact of research such as this prematurely is no simple task. However, in accordance with the criteria established and expected by the Graduate Program in Social Sciences, it may be stated that the present study is the first academic work defended, at both the master's and doctoral levels, dedicated exclusively to taking Paulo Arantes as its object of inquiry – he being, as is well known, a *sui generis* representative of the *Paulista* school of thought, with significant contributions ranging from his role as a professor of philosophy to his mode of engagement in broader public debate. Examining his trajectory as an object of research and reflection in the manner undertaken here – seeking to reconstruct and propose correlations

of meaning within it – fills gaps across diverse research frameworks related to the orbit of interests that this object touches upon and evokes. As a result of constructing what we term a cartography of his itinerary, we have developed, within this process, approaches to understanding surrounding a range of intertwinings and implications, intersecting diverse languages of thought and historical situations. In doing so, we address subjects spanning themes such as structures of temporality; the crisis and rise of popular movements; the formation of a Janus-faced critical perspective unique to what would come to be called the *matéria brasileira*; the relationships among philosophy, interpretations of Brazil, the social process of formation, the materiality of culture, and comparative literature; and social collapse. It is worth noting that, in recent years, the tradition to which Arantes belongs has gradually drawn international interest, as evidenced by recent publications abroad on Roberto Schwarz, Antonio Candido, and Arantes himself.

LUCAS PAOLILLO

PAULO ARANTES E O FERMENTO DA HETERODOXIA:

uma proposta de leitura do itinerário de seus escritos e intervenções (1964-2014)

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, para obtenção do título de Grau acadêmico Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.
Área de Concentração: Sociologia.

Data da defesa: 28/05/2025

Banca Examinadora:

Presidente e Orientador: Milton Lahuerta
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Membro Titular: **Denilson Soares Cordeiro**
Universidade Federal de São Paulo.

Membro Titular: **Gilberto Tedeia**
Universidade de Brasília.

Membro Titular: **Maria Alice Rezende de Carvalho**
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Membro Titular: **Maria Arminda do Nascimento Arruda**
Universidade de São Paulo.

AGRADECIMENTOS

A redação desta tese se deu em dois momentos. O primeiro deles ocorreu sob a pandemia do SARS-CoV-2, conduzida, se não bastasse ela mesma, tragicamente. O segundo, o momento imediatamente posterior, ao qual não se faz simples ainda chamá-lo pelo nome. Quanto à pesquisa, no primeiro momento, as tarefas foram conduzidas de maneira "remota", através de disciplinas que pude cursar junto ao PPG de Ciências Sociais da FCLAr/Unesp mas também aos PPGs de Filosofia, Sociologia e História da FFLCH/USP, em intenso regime de consumo de dados. No segundo momento, dura travessia, pude assistir às disciplinas como aluno ouvinte na Unesp/FCLAr, na EFLCH/Unifesp de Guarulhos e na FFLCH/USP, embora tenha cursado mais disciplinas remotas, como fiz na UFSCar. Tanto num período quanto noutro, tive a oportunidade de lecionar duas vezes como professor-bolsista na FCLAr/Unesp. Não posso deixar de mencionar também o acolhimento que tive junto ao Núcleo de Estudos do Romance (NER) da UEMG, em seu tempo ativo, no qual pude participar de algumas discussões e organizar eventos. Seguindo em frente, muito mudou de lá para cá e, de certo modo, o período de redação ficou marcado por um "choque térmico" da travessia entre os dois períodos. Caso não houvesse pandemia, tudo seria diferente. Porém, houve e assim as coisas são. Creio, no entanto, que isso não prejudicou, no essencial os nossos resultados. De uma ponta a outra, muitas pessoas colaboraram para que esta tese pudesse existir. É a elas que sou grato a seguir.

Primeiramente, devo agradecer ao meu orientador Milton Lahuerta, sem o qual este doutorado jamais seria possível. Nossa caminhada, como você sabe, Milton, é de longa data, seminal e, para mim, transborda em muito os limites meramente operacionais. Ao mesmo tempo, admiro o modo íntimo e raro como, conferindo-me liberdade do início ao fim, constituímos uma interlocução franca e independente, somada a nossa convivência de mais de década. Assim, levamos a termo a façanha de estimarmos posições que nem sempre costumam conversar facilmente. Esta abertura, creio, é testemunho da sua grandeza em meio à pequenez tão comum ao contexto universitário, cercado de intriguinhas inférteis. Como alguns livros contemporâneos dão notícia, bem como minha tese e outras mais, muito pôde existir graças às sementes plantadas por você nas suas aulas. Elas reverberam. Seja em busca do rastilho perdido dos "nexos históricos", em sua disciplina "Política e cultura", seja pela sua produção em texto relacionada aos intelectuais, os achados e perdidos no redemoinho das missões e profissões.

Em segundo lugar, agradeço ao meu coorientador, Sílvio Rosa Filho, por ter acolhido com sua gentileza característica ao meu trabalho e minha passagem por São Paulo. Ao mesmo tempo, Sílvio, que você me forneceu algumas noções fundamentais ao trato das práticas próprias a campos que não vim a percorrer, sublinho seus gestos de cuidar. Certeiros, discretos e de amplidão cumulativa, é a eles que os muitos "milagrinhos" nos arredores do Grupo dos Sábados dão notícia por aí. Ou nossas muitas conversas na famigerada Via Dutra. Assim, não posso deixar de lhe agradecer por ao menos duas outras coisas mais: no acesso concedido à parte dos seus materiais e na importância que as suas disciplinas "Ética e Filosofia Política – Tempo, imagem e ideia: formação de um conceito no pensamento de Paulo Arantes" e "Filosofia, Ensino e Formação II: Filosofia no Brasil" tiveram para o desenvolvimento deste trabalho.

Em terceiro lugar, agradeço ao professor Denilson Soares Cordeiro. Seja pelos pontuais, mas certeiros, momentos de companhia e conversação, seja pela prontidão na disponibilização de informações e sugestões para o desenvolvimento da tese. Além disso, se faz dispensável dizer que o dia no qual visitamos juntos Paulo Arantes ficará guardado para sempre na minha memória. Para além daquele dia, que continuemos a cultivar interlocuções.

Agradeço os muitos comentários e sugestões feitos no exame de qualificação pelos professores Francisco Alambert e Gilberto Tedeia. As contribuições de vocês dois foram fundamentais.

Além disso, agradeço comovido ao timaço de professores cujas aulas tive a honra de acompanhar ao longo deste percurso: Alex Moura, Antonio Ianni Segatto, Carlos Fico, Francisco Alambert, Homero Santiago, João Carlos Soares Zuin, João Roberto Martins Filho, Luiz Felipe de Alencastro, Maria Arminda do Nascimento Arruda, Maria Teresa Miceli Kerbauy, Marcus Sacrini, Milton Lahuerta, Nilton Ota, Sergio Miceli e Sílvio Rosa Filho.

Ao Paulo, as flores em vida – e as eventuais desculpas pelos equívocos, fantasias e chistes.

À rapaziada, sangue bom, que me acolheu na Zero, no Grupo dos Sábados, no bairro dos Pimentas e além mais: André Luiz B., Fábio B., Felipe A., Guarací S., Guilherme S., Gustavo A., Henrique V., Jade A., Julio d'A., Leonardo S., Lucas Z., Luciana C., Marcos A., Marcelo S., Natan O., Rafael M., Ricardo M., Sofia A., Thiago Ma., Thiago Me., Vitor M. e Wesley S.

Ao pessoal que fez comigo o Picuá: Carlos B., Carlos L., João T. S.

Aos queridos de sempre: Ademar L., Anderson P., Antonio P., Diego M., Felipe L., Gelo, Gigio, Guilherme B., Guilherme P., João L., João M., Juju, Luana P., Ninoska, Rafael T., Renaldo M., Tiago V.

Last but not least, os mais profundos agradecimentos à Alessandra, minha mãe; à Marta, minha avó; e ao Nicola, meu avô. Profundos, pois, naquilo que puderam me oferecer com as suas limitações, me fartaram de amor e carinho, impedindo que as violências e suas cicatrizes, íntimas à minha infância, me aproximassem das tormentas e dores de onde brotam e fazem brotar todos os fascistas. A vocês, os esforços destes anos que continuam inclinados nesta direção: torcer e apostar as fichas no melhor. Em retorno, convoco, no sentido lato, as palavras de Antonio Candido. Ele nos diz que o praticante sistemático da violência "aparece então como um agente que viola a personalidade, roubando à pessoa os precários recursos do equilíbrio de que usualmente dispõe: pudor, controle emocional, lealdade, discrição – dissolvidos com perícia ou brutalidade". De maneira que tal uso crônico "traz à superfície tudo o que tínhamos conseguido reprimir, e transforma o pudor em impudor, o controle em desmando, a lealdade em delação, a discrição em bisbilhotice trágica". Na minha vida, o afeto cultivado juntos por nós foi freio de emergência. Através de vocês, minhas trilhas se esparramaram por outros caminhos. Caminhos meus. Esta tese é prova inexpugnável disto. Todas as palmas a vocês.

Considerando os duros anos de pandemia acima destacados, não posso deixar de lembrar – dentre os vários mortos direta ou indiretamente implicados a este período esfacelador – a memória dos meus que não pude velar: Geraldo, Matheus, Paola, Roberto e Seccato.

Deixo uma menção especial à memória de Cleionário Ribeiro. Cleo, como o chamávamos, foi uma figura particularíssima do centro-oeste mineiro, difícil de descrever de supetão: um autodidata lampejante, performático, benjaminiano – que, para fechar o figurino, morava numa rua de mão única –, apaixonado pela cultura filosófica uspiana. Muitos dos nomes aqui citados viveram, sem sequer imaginarem, no cultivo do seu relicário íntimo. Por isso, fica aqui a homenagem de destaque. Cleo, você vive, aqui, junto aos seus e aos nossos assuntos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Sempre vagamos,
mas, às vezes, falta a geografia e
pode ocultar nossa via,
ser agida como um mau desvio
de nosso Navio no Oceanomundo.

Nosso desandar ou nossos erros,

Por que quê não vê-los:
– ao equivocar-se na expressão – os supostos falantes,
como falando, com a ilusão de ter lugar,
de ter uma língua, uma família,
um país, um lugar de nascimento.

Não! Nascemos todos
num deserto anônimo.

Tal deserto é o horizonte
de qualquer escolha, de qualquer pensamento.

Bento Prado Jr. (2020, p. 21), *Um poema vago*

RESUMO

"Paulo Arantes e o fermento da heterodoxia: uma proposta de leitura do itinerário de seus escritos e intervenções (1964-2014)" é uma tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Araraquara. Nela, buscamos realizar um percurso capaz de compor o itinerário de Paulo Eduardo Arantes (1942) através de seus escritos e demais intervenções, tendo como motivo os encontros e desencontros de seu itinerário com seu *métier*. A estrutura da tese apresentada é organizada em três capítulos, cada um refletindo uma fase distinta do seu itinerário. O primeiro capítulo aborda sua formação até o doutorado na França, dividindo-se em dois tópicos que abrangem sua atuação na Juventude Universitária Católica e o breve período em que esteve na Maria Antônia. O segundo capítulo se concentra no exercício, após o retorno dele ao Brasil, do ponto de vista da periferia até a emergência dos debates sobre o fim de século, abordando, por meio de quatro tópicos, a relação do professor com a literatura comparada, a relação entre dialética e experiência e as mudanças de percurso intelectual. O terceiro capítulo explora a fase de Arantes iniciada após a reflexão constelada sobre as avaliações referentes ao colapso da modernização e a proximidade com a juventude antiprogressista, desenvolvendo-se até as Jornadas de Junho de 2013 e dividindo-se em quatro tópicos que abordam aspectos da sua intervenção intelectual e de seu ativismo no contexto político e social até 2014.

Palavras-chave: sociologia da cultura; escola paulista de pensamento; filosofia no Brasil; teoria crítica; tradição crítica brasileira.

ABSTRACT

"Paulo Arantes e o fermento da heterodoxia: uma proposta de leitura do itinerário de seus escritos e intervenções (1964-2014)" is a thesis presented to the Graduate Program in Social Sciences at the Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" in Araraquara. In this work, we aim to trace a path that composes the itinerary of Paulo Eduardo Arantes (1942) through his writings and other interventions, with a focus on the encounters and mismatches between his trajectory and his field. The structure of the presented thesis is organized into three chapters, each reflecting a distinct phase of his itinerary. The first chapter addresses his formation up to his doctorate in France, divided into two sections: his involvement in the Juventude Universitária Católica and the brief period he spent at Maria Antônia. The second chapter focuses on his work after returning to Brazil, from the perspective of the periphery, and the emergence of debates about the turn of the century. It explores, through four sections, his relationship with comparative literature, the relationship between dialectics and experience, and the changes in his intellectual path. The third chapter examines the phase of Arantes that began after assimilating assessments on the collapse of modernization, his proximity to the anti-progressive youth, and continues up to the Jornadas de Junho of 2013, divided into four sections that explore his intellectual intervention and activism in the political and social context up to 2014.

Keywords: sociology of culture; *Paulista* school of thought; philosophy in Brazil; critical theory; brazilian critical tradition.

Sumário

INTRODUÇÃO: ITINERÁRIOS DE UM PROFESSOR ENTRE A ORTO E A HETERODOXIA 14

CAPÍTULO 1 – O MUNDO E OS PARÊNTESIS: FORMAÇÃO E EXPEDIENTE 33

1.1 Razoavelmente escaldado 33

1.2 Uma passagem relâmpago 61

CAPÍTULO 2 – UM CERTO SENTIMENTO ÍNTIMO DE INADEQUAÇÃO: DUALISMO POR TODOS OS LADOS 92

2.1 Ideia e ideologia 92

2.2 A importância de não ser filósofo 117

2.3 Sentimento local do mundo 143

2.4 *Aufklärung* em parafuso 170

CAPÍTULO 3 – O MUNDO EM COLAPSO: SOB O SIGNO DA EMERGÊNCIA 197

3.1 Os pingos de não 197

3.2 *Nouvelle manière* 221

3.3 O ato docente 246

3.4 Espírito de contradição 272

CONCLUSÃO 289

BIBLIOGRAFIA 296

Introdução: itinerários de um professor entre a orto e a heterodoxia

Em cerimônia de inauguração do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, Antonio Candido (1987, p. 7) ficou responsável por apresentar Raymundo Faoro, um representante legítimo da tradição crítica brasileira, como o primeiro diretor daquele novo centro de estudos e pesquisa. Precedendo às formalidades de praxe, Candido tomou aquele cruzamento de tendências para expor brevemente uma reflexão sobre os rumos da Universidade. Naquele momento, Candido falou a respeito do que chamou ali de "dialética do ortodoxo e do heterodoxo na história da Universidade de São Paulo", isto é, um percurso avaliativo a contrapelo, com pistas vocacionadas a dar andamento aos seus momentos decisivos. Por isso, os critérios desenvolvidos ali descarrilhavam significativamente das avaliações oficiais: na fala, a força dos momentos assinalados andava de par com as ocasiões nas quais a Universidade não se restringiu, em seus movimentos internos, aos efeitos de maior aderência à falta de ousadia ou à conformação rotinizada. Daí a presença fundamental "das organizações paralelas e das alas móveis, que trazem o fermento da heterodoxia, sem os quais a Universidade não poderá encontrar o novo rumo" e do "cultivo do espírito crítico e renovador que nutre as visões heterodoxas".

Essa perspectiva de Candido sobre a presença da heterodoxia como elemento decisivo para a fecundidade da autonomia relativa própria às dinâmicas da Universidade, bem como sua aderência na vida social, é desviada por nós de seu contexto original para servir de fundo, sob novo enquadramento, à presente proposta: seria o movimento entre o ortodoxo e o heterodoxo na Universidade de São Paulo capaz de oferecer também um parâmetro para organizar e examinar o itinerário[1] de um professor de filosofia, digamos, fecundo em posicionamentos particulares como Paulo Eduardo Arantes? É daqui que partimos. A avaliação desse percurso, conforme veremos a seguir, se situou menos no domínio de uma hipótese obtusa, em espécie,

[1] Optamos pela adoção da categoria "itinerário" em vez de "trajetória" na esteira das considerações desenvolvidas por Irene Cardoso (1999 [1998], p. 16): "Isto posto, pode-se pensar, a partir das referências anteriores construídas naquele mapeamento, o porquê da escolha do uso neste texto da palavra *itinerário*. A percepção de que este uso não foi casual, e de que não se poderia ter utilizado uma outra palavra, como *trajetória*, liga-se justamente ao reconhecimento daquele espaço de relativa liberdade para a particularidade individual que a vocação supunha. *Itinerário*, que provém do latim *iter-itineris*, significando *caminho*, implica um *rumo*, cujo lugar de destino não está previamente configurado por completo, supondo uma abertura de possibilidades que pode atender às particularidades individuais. A palavra *trajetória* já traz na sua proveniência sentido diferente: *trajectore*, 'o que atravessa', do latim *trajectu*, 'passagem', como o espaço, a linha, a se percorrer ou percorrida, para ir de um lugar ao outro. Não por acaso, a palavra *trajetória* pode ter a acepção de lugar geométrico das posições ocupadas por uma partícula que se move, que a palavra caminho não possui. É possível ainda considerar a construção de um *itinerário* como a versão de uma história, recuperando o sentido, indicado anteriormente, de algo que vira, desvia, ou muda de direção, que se aproxima da abertura de sentidos que a palavra caminho pode indicar".

em torno de “sim” ou “não”, conforme hipóteses de teste usuais, e mais numa proposta de acompanhamento, a qual demandou aproximações reconstitutivas.

Nesse sentido, seguindo a trilha de Bento Prado Jr. (1996), lembramos que desde a dimensão da forma os escritos e as intervenções de Arantes suscitam efeitos de leitura responsáveis por desnortearem seus interlocutores. Ruy Fausto (2014, s. p.), por exemplo, assinala como, aos poucos, Arantes foi se distinguindo de seus pares rumo a “um caminho original”. Mesmo antes, se atinarmos com a iniciação de Arantes na Universidade – quando aprendeu a cartilha da Faculdade de Filosofia –, esse movimento se deu no interior de um dos principais momentos referidos por Candido como foco de ebulição da heterodoxia: a geração de 68, conforme veremos. Na mesma toada, por exemplo, temos a assimilação espelhada que Arantes fez das contribuições de Roberto Schwarz e demais representantes da tradição crítica brasileira, como Candido e Gilda Rocha de Mello e Souza. Esse caminho, com suas intersecções, foi objeto de nossa proposta de reconstituição, observado conforme as nossas possibilidades. Tais caracterizações sugerem, de ponta a ponta, interpretações que retratam Arantes como nota dissonante: em letra ou espírito, em falas ou escritos, certo desalinho se faz presente, mesmo quando em desempenho de suas funções mais ortodoxas, como professor.

Caso mantivermos, como tentamos, atenção nisso, veremos que o andamento da forma nos escritos de Arantes, sempre de acordo com as nossas possibilidades de aproximação, sugere também mutações. Embora sustentem coerência interna e sentido de sistema, como também sugeriu Prado Jr. (1996), o tempo e a vida no interior da sua prosa também se apresenta às observações, como não poderia deixar de ser: há, por exemplo, uma passagem visível – cujas medidas, acreditamos, ainda estão em aberto – do comentário de textos marcado por diretrizes dissertativas e suas fissuras, relacionados aos métodos e técnicas dos estudos em história da filosofia para, ao final, um modo particular de produção ensaística que engloba mais e mais temáticas rentes ao contemporâneo[2].

Tais transformações, caso as abordemos por outro ângulo mantendo o assunto, sugerem o indicativo de um processo específico: elas não ficam reféns das respostas imediatas ao cálculo de procedimentos burocráticos, ainda que vez ou outra se nutram deles, mas se alimentam de um complexo, um leque de inquietações que procuramos apresentar ao longo do texto, que faz da produção de Arantes um registro crítico multiangular no qual “há intelectuais por todos os lados” (Carvalho, Viana e Vidal Filho, 2021). Assim, assinalar a discrepância entre a produção acadêmica comezinha e o compromisso íntimo nos escritos de Arantes sugere particularidade.

[2] Algumas avaliações significativas sobre a forma dos textos de Arantes estão presentes no ensaio “Um departamento francês de ultramar” (1999 [1994]), de Schwarz, conforme veremos.

Essa dimensão, presente em forma e mensagem, é permeada de imbricamentos minuciosos sobre o tempo – e, consequentemente, sobre Hegel e o esfacelamento de seu sistema em herança, sobretudo após 1848. Enquanto efeito, demarca posições visíveis quanto às relações e aos procederes de se relacionar, a nível do escoamento de sua produção, extra e intramuros.

Quanto ao nível da circulação das ideias de Arantes, esse processo fez com que se imprimisse uma marca de estilo e de influência que contribuiu para pautar atividades de pesquisa e abordagens docentes *campi* a fora. Nos referimos aos estudos filosóficos, mas não só, como é possível constatar em programas de estudos literários, historiográficos e sociais. Um livro como *Lugar periférico, ideias modernas* (2024), de Fabio Mascaro Querido, é fértil em sugerir como Arantes é membro de uma linhagem nova e "do contra", à qual pertenceriam, dentre outros, Schwarz, uma espécie de fundador, e Francisco de Oliveira. Além disso, considerando a expansão dos núcleos universitários[3] e a proeminência da Universidade de São Paulo na difusão das diretrizes para outros pontos de ensino e pesquisa, bem como a presença do marxismo acadêmico[4], temos uma influência a ser investigada entre um professor de filosofia e seu território, distante do núcleo orgânico do sistema capitalista. Um dado curioso é que, se estivermos corretos, esse movimento irrompe em vias de tensão com convenções instituídas, mas, ao mesmo tempo, circula relativamente bem – ao menos localmente, em suas contribuições moleculares –, como critério de excelência, ao se colocar para além delas[5].

Sem ter, por exemplo, a pretensão de fazer algo como uma "sua" filosofia, mosca azul que mordeu muitos dos seus colegas e professores, ou se comprazer docilizado, restrito apenas às imposições burocráticas, os resultados em operação no itinerário de Arantes constituíram aos poucos uma perspectiva que, em registro profissional, orientou e desorientou o seu *métier*, enredando-se como registro crítico transversal a uma diversidade de gêneros e procedimentos. Mais, se um dos seus braços esteve nas práticas profissionais, de rigor, da Universidade, aos

[3] Com a finalidade precisa de compreender a escala de tais transformações, recomendamos a leitura das informações e dos levantamentos nos capítulos "Os anos 1930-1960 e a instauração de um aparato institucional da Filosofia: os fundadores, a transplantação do scholar e o humanista intelectual público" e "Os últimos cinquenta anos: o sistema de obras filosóficas, os scholars brasileiros e os filósofos intelectuais públicos" do livro de Ivan Domingues (2017). Além do mais, aproveitando a menção ao livro de Domingues, temos um critério a ser explicitado, por sugestão de Sílvio Rosa Filho: tomamos a produção de Arantes, em que pese os seus variados registros, sempre no sentido de *corpus*, não de *opus*, daí a opção por não falarmos em obra.

[4] Para tanto, ver o sentido de "rigor" como um critério estratégico para as especificidades da escola paulista de pensamento presente na tese *Intelectuais e transição: entre a política e a profissão* (1999), de Milton Lahuerta.

[5] Recordamos que o perfil a um só tempo radical e de alto rigor que caracteriza as produções uspianas desde os tempos de Maria Antônia é fruto de um processo político mediado pela disputa com interlocutores bem demarcados: "[a] radicalização ética e a pretendida ruptura metodológica dos intelectuais da FFCL se efetivariam, portanto, num contexto muito específico. Críticos do nacional-desenvolvimentismo, defendido pelos isebianos, e marcados por uma preocupação com o rigor metodológico e por um treinamento intenso nas técnicas de pesquisa, os intelectuais da Maria Antônia pretendiam personificar um padrão de organização do trabalho intelectual autônomo diante das injunções imediatamente políticas" (Lahuerta, 2005, p. 175).

poucos invadem a cena das suas atividades as “alas móveis” mencionadas por Candido, sobretudo quando Arantes fortalece vínculos ao encontro de grupos de jovens antiprogressistas, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e de gente de teatro.

A inclinação à compreensão desse processo, conforme se verá ao longo do texto, demandou às nossas investigações uma proposta de figuração. Expediente, portanto, compreensivo, contextualizado e, mais do que isso, apoiado na agregação dos registros de sustentação produzidos anteriormente por universitários, escritores e ativistas. A ação intelectual de Arantes – livre das etiquetas, embora mantendo relações com ramos precisos do etiquetário – ganha vida pública sobretudo através de investigações escritas e exposições orais. Veremos como essa ação se apoia tanto em critérios de rigor, mediante parâmetros universitários, quanto em efeitos relacionados a uma radicalidade astuciosa e em busca de uma viabilidade de densidade analítica ao seu tempo, articulada junto a um ponto de vista atento às consequências próprias à nossa incapacidade em copiar. Nesse sentido, Arantes parece lançar mão de uma artimanha metodológica ao posicionar suas referências: ele sabe que não é e não há juiz que mereça confiança total, uma vez que o tribunal não se dá perante a fabulação, mas ante o tempo histórico – seja junto aos autores convocados nominalmente pelos seus textos, seja nas exposições orais à sua audiência. A demarcação contextual desse processo – isto é, a constituição de uma perspectiva crítica, de olho nas dinâmicas do capital – ganha forma à medida que atravessa as variadas transformações que incidem sobre o tempo histórico.

A articulação dessas dimensões complexas requer cautela ao se considerar uma proposta de itinerário. Consequentemente, lançamos mão de um fio investigativo possível – uma leitura, entre outras, embora nossa –, empenhada em mobilizar focos estratégicos de composição vinculados à organização dos registros de e sobre ele, a fim de montar o objeto. Desse modo, ainda que um pouco fora de foco ao figurino convencional próprio a uma tese fixa a uma pergunta, procuramos sempre que possível deixar em aberto os múltiplos caminhos derivados das vozes coligidas. Mantendo e frisando, como sentido, o caráter ainda iniciático de uma fortuna crítica sistematizada. Com isso, assumimos uma providência, fruto de avaliação maturada, com a intenção de obedecer às particularidades mencionadas como concepção de montagem: Arantes, como se sabe, é dono de uma produção, digamos livremente, poliédrica que em muito é capaz de subsumir o ímpeto decifrador de seus leitores. Assim, unir, organizar e agregar os registros variados processados em seu campo de interlocução nos pareceu mais razoável do que sustentar, por nossa conta, uma série de sínteses prematuras – embora, como seja de se esperar, haja um punhado delas, involuntária ou voluntariamente, aqui e ali.

Dado esse panorama, os procedimentos de montagem demandaram certos deslocamentos de foco. Isto é, cada momento da investigação se moveu a partir de enquadramentos próprios. Na urdidura, os pontos de evidência que consideramos em conversa com a heterodoxia referida por Candido: daí falarmos, vez ou outra, em Arantes como "professor". A ideia não é resumi-lo a uma figura didática, enquadrá-lo ao objeto de ironia sartreana, algoz disciplinador das salas de aula da educação pós-68 ou desconsiderá-lo como ensaísta – o que seria absurdo. Para além dos registros orais e entrevistas nos quais ele mesmo se identifica como um professor, como veremos, compreendemos essa atividade como parte fundamental das suas práticas de intervenção. Buscar as dilatações decalcadas a essa imagem – para onde ela transborda –, serviu de artifício – e não mais do que isso – para a presente pesquisa definir termos aos assuntos a serem tematizados a cada capítulo e, mais precisamente, a cada tópico. Nessa costura, quisemos oferecer uma via de organização plural e capaz de orientar a fortuna crítica sobre os registros das intervenções e da produção escrita de Arantes. No que diz respeito às articulações e ao plano de análise em torno desse rol de problemas e abordagens, podemos reconhecer aqui um enquadramento que poderia ser chamado de cartografia[6] de itinerário. Este, no que se refere aos resultados, se dispôs ao objetivo de fornecer subsídios para o exame orientado das atividades em seu conjunto, uma vez que, nessa escala, um longo caminho se encontra ainda em aberto para tematização mais detida.

Dito isso, podemos afirmar que esse viés geral de abordagem foi escolhido também em razão da maneira simples e precisa pelo qual é capaz de responder à dispersão ou às projeções que recorrentemente se colidem contra registros do itinerário de Arantes. Para além de se tratar de um itinerário dotado de peculiaridades, conforme leituras anteriores procuram assinalar, e que merecem ser investigadas a contento, há, em contrapartida, manifestações de aferimentos que acomodam de modo por demais superficial seus escritos e intervenções. Ainda que seja, por um lado, reconhecido publicamente como intelectual de envergadura, professor sênior da Universidade de São Paulo e herdeiro *sui generis* das últimas gerações da tradição crítica brasileira, o itinerário de Arantes, por outro lado, muitas vezes sofre com reducionismos que vão desde a substantivação de supostas alocações filiais (católico de esquerda, hegeliano, trotskista, lukácsiano, frankfurtiano, tucano, petista, psolista etc.) até atribuições imediatistas

[6] Claudinei Carlos Spirandelli (2011), no livro que resultou do seu trabalho de Doutorado *Trajetórias intelectuais: professoras do curso de Ciências Sociais da FFCL-USP (1934-1969)*, se refere ao resultado de seus esforços como a tentativa de composição de uma cartografia – até onde se sabe sem pretensões deleuzianas. Tomamos emprestado o termo livremente, sem pretensões a uma filiação escolástica, por conta da abrangência que ele sugere mediante a assinalação dos ramais e caminhos próprios à **montagem** e ao **processo**, termos caros a Candido (2015, p. 106) em *De cortiço a cortiço*.

de valor (elitista, catastrofista, marxista vulgar, militante imaginário etc.). Ou seja, sua fortuna crítica é consideravelmente assimétrica, embora não lhe falte reconhecimento quanto ao alcance dos seus feitos. Para observar esse problema, vale a pena recordarmos a presença dos efeitos esterilizadores no lançamento de *Formação e desconstrução: uma visita ao museu da Ideologia Francesa* (2021) que serviu de motivo a um comentário de Felipe Catalani (2021, s. p.). Nele, Catalani assinala que, para além de haver uma tradição de desentendimentos quando o assunto passa pelas contribuições de Arantes, muitos dos apontamentos inseridos nesse processo superficial de tratamento partem de "pesquisadores, estudantes e professores que se ocupam com um respeitável campo da filosofia, objeto de teses, cursos e congressos", ou seja, de interlocutores supostamente qualificados e, a princípio, sensíveis à curiosidade mais ampla.

No entanto, uma vez que os efeitos desnorteadores próprios ao estilo da prosa de Arantes podem ser reconhecidos como provenientes de um itinerário heterodoxo e vice-versa, o desalinho da fortuna crítica, acreditamos, pode ser compreendido a partir de outro ponto de partida. Daí uma proposta, na hipótese, capaz de oferecer outra demão de subsídios: há algo a ser identificado e exposto, valorizando o caráter relacional geral de reflexões assim, junto aos mais variados registros contextuais que se circundam. Procuramos apreendê-los por vias que passam pelas continuidades e descontinuidades dos temas, pelo desenvolvimento panorâmico das preocupações e estratégias de análise a que, em debates, Arantes foi posto em posição de ser observado. Deste modo, a partir de uma perspectiva atenta às disposições de posicionamento e desdobramento dessas tensões, visualizamos o motivo para a composição de um panorama organizativo de abrangência, útil ao desenrolar e às modulações das contribuições em foco. Esse procedimento cartográfico só tem sentido, é evidente, na medida em que responde às demandas de um objeto que está ainda em processo lento de construção, com poucos registros. Considerando essa dinâmica, juntam-se novos elementos à nossa hipótese: visto, digamos, sob os critérios universitários contemporâneos, embora Arantes parta a seu modo dos estudos filosóficos no meio acadêmico, ele não se "ajusta", mas se desajusta, às expectativas desse figurino e isso incide na tradição – o que haveria nisso? Note-se que as reformas universitárias das quais ele fora contemporâneo, da Ditadura Militar aos presentes dias, parecem correr cada vez mais e mais paralelamente diante do seu itinerário, ainda que, no interior desse desenho, não tenha havido ruptura propriamente dita com os vínculos da e na Universidade[7].

Desde este ponto de vista, encontramos pertinência na compreensão de que o itinerário de Arantes nutre relação íntima com os acontecimentos decorrentes do Golpe Militar de 1964.

[7] Com exceção, conforme veremos, das mudanças que tais transformações ensejaram para ele nos anos oitenta ao se redescobrir em sala de aula, para o primeiro ano do curso de filosofia.

Menos, como poderia se fazer supor aos desavisados, pelas tramas palacianas politicamente imediatas, e mais enquanto mudança de rota da duração, conformadora, situada e compreendida no enredamento de ao menos três escalas: a mundial, a nacional e a dos impactos imediatos à situação. Desse modo, sempre que o evento é revisitado ao longo do itinerário do autor, ele é apresentado como um momento decisivo de inflexão, o qual é responsável por demarcar uma adequação do território na entrada de um novo tempo. Tempo este que, para além do evento citado, se impôs como um dado objetivo de análise e experiência: literalmente a passagem a um novo tempo do mundo. Por isso, compreendemos que Arantes não pode ser visto como dissociado da sua geração, que viveu o cruzamento entre o antes e o depois inaugurado pelo Golpe Militar de 1964. Trata-se de uma centralização de elementos que, partindo da forma à mensagem, estão imbrincados à paisagem e à sua produção. No que se refere ao tratamento oferecido ao contexto em cada tópico, assumimos as bordas e procuramos concatenar movimentos formais ao intercâmbio temático de interlocuções no interior de cada processo.

O Golpe, como veremos, se configura para Arantes como uma ruptura irreversível de época, que ainda deveria ser acusada. Mudança de rumos, a transição geracional é significativa e permite oferecer, assim constatamos, elementos para a compreensão dos sentidos e efeitos em um livro como *Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60)* (1994)[8]. No entanto, falar de Arantes, professor vinculado desde a graduação em filosofia ao, digamos, espírito das roupas e à alta costura dos ciclos externos, pressupõe atenção a medidas. Quando sua produção fala em Brasil, ela não se eiva de nada nacionalista, patriótico ou chauvinista. Antes, ela fala do Brasil-problema: uma descoberta paulatina da matéria brasileira, nada menos do que o próprio "nada" em sua acepção brasileira do termo, a ser investigada sempre a partir de sua lente bifocal: de fora para dentro e de dentro para fora, simultaneamente. Eis o ponto de vista de um expediente nada positivo, mas crítico: tradição lastreada por um modo de se fazer crítica à ideologia (*Ideologiekritik*) apoiada no sentimento da tradição crítica brasileira rumo à intervenção que "não opera como uma crítica imanente, mas pelo esforço de formação de um campo de contradição organizado" (Menegat, 2019 [2014], p. 213). Mesmo em suas tentativas de identificação ou propostas de leitura da formação, essa perspectiva continua a ser chave.

Se é possível, conforme pretendemos sugerir ao longo do texto, visualizarmos o itinerário de Arantes colado aos movimentos e refluxos de uma suposta dialética entre o ortodoxo e o heterodoxo na Universidade de São Paulo, é essa ruptura de épocas, naquilo que

[8] Vale mencionar que sempre que falarmos em Departamento de Filosofia estamos recorrendo, como Arantes, ao sentido figurado, dado que à época da Maria Antônia vigia o sistema de cátedras.

trouxe de subjetivo e objetivo, que imprimiu o rumo diante do qual suas posições são tomadas. Nesse sentido, vale lembrar que um de seus temas mais recentes, o da extinção da tradição crítica brasileira, coaduna diretamente com o entrelaçamento das instâncias diante das quais "a ideia de utopia, de uma saída possível, está se tornando socialmente proibitiva" (Arantes, 2004 [2000], p. 295). Se, na chegada do nosso percurso, Arantes compreendeu, assim entendemos, que apocalípticos e integrados perderam suas marcas de distinção na mesma medida em que novas formas de cidadania regulada conformaram energias utópicas insurgentes, a sustentação de um ponto de vista crítico como o dele, desenhado no interior de um itinerário heterodoxo – construído por dentro da Universidade e sustentado por dinâmicas de autonomia relativa –, parece demonstrar a persistência de um ponto de vista crítico distinto no interior da, digamos, escola paulista de pensamento. Ainda assim, de acordo com Lidiane Rodrigues (2011), a heterodoxia é um elemento constitutivo da produção do marxismo acadêmico uspiano. Ainda mais no interior dos cursos de filosofia – voltados ao espírito crítico –, podemos acrescentar, nos quais os contornos de "dentro" e de "fora" do expediente surgem como instâncias complementares, em que o cultivo da própria personalidade brota como dado da formação. No entanto, de todos aqueles professores e professoras de filosofia da Universidade de São Paulo, embora muitos sejam indissociáveis de testemunhos de rigor e excelência ou da participação política, situados em rumos particulares e estranhos ao itinerário de Arantes, cremos que nenhum deles fez, como Arantes, de todo o arco de tensões apresentado a formação de um ponto de vista crítico e radical ao alcance de plataforma para as novas gerações. Cremos que Francisco Alambert (2021) caracterizou bem o tom de ruptura e de aproximações a esse processo:

> Antonio Candido disse certa vez que Sérgio Milliet foi o 'homem ponte' que ligou o primeiro momento modernista àquele próprio da geração do então jovem crítico literário. Poder-se-ia dizer também que Candido foi a ponte que ligou o Brasil com a crítica marxista de Roberto Schwarz, por sua vez o homem ponte que desemboca naquilo que Paulo Arantes arquitetou. Certo. Porém, nessa engenharia de pontes, Paulo certamente toma as estruturas, só que para invertê-las. Ou dinamitá-las. Pois tudo o que fez e faz desmonta e remonta muros, pontes e castelos de areia dessa coisa esquisita chamada 'matéria brasileira' – e sua fratura exposta nos tempos do mundo já sem horizontes (Alambert, 2021, s. p.).

~*~

Com a finalidade de articulação dos elementos que servem à nossa proposta de pesquisa, o horizonte de composição selecionado partiu de uma abordagem, e fazemos questão de frisar esse ponto, amparada mais diretamente pela sociologia da cultura – embora carregue também uma influência subterrânea que deriva de interesses em sociologia política. Servindo-nos como

ponto de partida, a sociologia da cultura ofereceu parâmetros em vista do modo como proporcionou, por dentro das ciências sociais, um ponto interseccional razoável para além das abordagens restritamente hermenêuticas ou contextualistas. Isto nos é caro porque essa abordagem sugere uma possibilidade de interlocução através de uma articulação estratégica entre os pontos de encontro próprios às duas instâncias. Opção fértil em proporcionar a possibilidade de lidarmos com registros de produções e intervenções em muito variados, dotados de especificidades consideráveis. Do ponto em que partimos, acreditamos que é favorecida a mobilização de procedimentos capazes de viabilizar tratamento à abrangência do recorte selecionado, dadas as transformações de temporalidade que ela acarreta percorrer. Entendemos como modelos relacionados à nossa aspiração de sociologia da cultura, por exemplo, os trabalhos pioneiros de Maria Arminda do Nascimento Arruda (2015) e Heloisa Pontes (1998)[9]. Neles, sem haver excessividades positivadas, relacionadas a enrijecimentos de ordem pretensamente epistêmica, encontramos amparo para investigações apoiadas em discernimento crítico e cotejo de documentos, dada a finalidade de composição interessada na meditação frente a pontos de cruzamento entre textualismo e contextualismo, dispondo de foco em aspectos descritivos a partir de seus núcleos relacionais. Tais perspectivas partem da não redução dos conteúdos internos a relações de poder esqueléticas e deterministas, embora assimilem dados externos junto aos documentos de forma e mensagem.

Compreender o efeito das providências dispensadas pelas estratégias de leitura acima mencionadas nos instiga a investir atenção em camadas plurais relacionadas ao objeto a partir das intersecções entre tecituras de escrita. Sendo estas inclinadas à preservação, apesar de não necessariamente ao cotejamento, da lógica interna dos registros, e seus fundos históricos e sociais, estes sim em foco, compreendidos como uma espécie de sistema de externalidades influentes. Tais pontos de encontro nos situam, portanto, diante de campos de objetivações relacionais que demandam investigação, embora sem subestimar a existência do sentido interno dos documentos mobilizados. Junto a essa busca por medida, nos aproximamos, no sentido de oferecer tratamento às temporalidades, daquilo que François Dosse (2017, p. 19-20) chamou de "cruzamento de duas lógicas", sendo elas: a) a lógica diacrônica, uma leitura na qual se forma

[9] Nicolau Sevcenko (2002), em resenha sobre o livro de Arminda, afirma que ele é fecundo em estabelecer parâmetros de análise e sugestões de tratamento "[a]os quadrantes sociais e culturais que caracterizam o momento histórico, mantendo ao mesmo tempo abertos os espaços intermediários em que se estabelecem as negociações assim como as manifestações intercorrentes do diverso, do inédito e do contraditório". Por isso, ele teria sido bem-sucedido em estabelecer "uma valiosa reflexão metodológica". De acordo com Pontes (1998, p. 19), seus estudos sobre a cultura brasileira relacionada ao sistema acadêmico, em vista da própria natureza de seus objetos, "merecem um tratamento contextualizado que, sem perder de vista o alcance analítico das obras que individualmente produziram, seja capaz de resgatar o espaço social e cultural mais amplo que conformou a experiência de todos".

um desenho em espiral "que prospecta novos locais de penetração negligenciados anteriormente" diante das contribuições do objeto estudado, o que ressalta, na produção escrita, contornos de novas camadas "de acordo com seu próprio ritmo ao longo do tempo e cuja contribuição singular se constrói [à] medida que novos dados se acrescentam ao edifício" e b) a lógica sincrônica, dadas as correlações entre os itinerários e as "interpelações ao tempo" a que eles estão circunscritos e procuram afirmar ou negar, de maneira que a tal compreensão faz situar, a partir de um momento histórico determinado, a paisagem dos lastros relacionais que direta ou indiretamente conversam com cada momento em questão.

Fazendo jus às ressalvas que Martin Jay (1988, p. 13) levantou quando levou adiante a confecção, digamos sob os termos do nosso trabalho, de uma cartografia do itinerário e da obra de Adorno, é evidente que não são poucas as restrições que podem ser anunciadas a trabalhos como o que apresentamos. Oferecer tratamento social a objetos de cultura implica em traduções e "[a] verdadeira filosofia, como ele [Adorno] gostava de insistir, é o tipo de pensamento refratário à paráfrase". Nesse sentido, uma saída encontrada por Jay diante do emparedamento foi recorrer, na esteira do vocabulário de seu próprio objeto, às noções de "campo de força", responsável por circunscrever o plano das dimensões relacionais, e de "constelação", para designar os elementos resistentes à integração de uma agregação justaposta. Essa perspectiva, empenhada em partir dos próprios registros do autor, nos serviu como ponto de apoio ao estilo de nosso texto. "Assim, embora não possamos ser inteiramente fiéis ao pensamento de Adorno e ao seu modo de apresentação, podemos, não obstante, sugerir parte de sua riqueza mediante a aplicação de duas de suas metáforas favoritas à sua própria carreira intelectual". Nesse caso limite, como a situação diante de Adorno sugere, Jay compreendeu um sentido de valor, a despeito das restrições notadas, para a sua investigação. Naquilo que pretende convocar, ela é capaz de sugerir "tensões criativas", enxugando conciliações forçadas ao percorrer o itinerário do seu autor e valorizar seus registros. Não podemos dizer que seguimos, nessa presente pesquisa, um traçado metodológico igual. No entanto, e o mesmo vale para o tratamento dado por nós aos trabalhos de Dosse ou de quaisquer outras referências a que recorremos, devemos assinalar que observar tais conflitos de método nos trouxe um norte a ser apreciado e precedentes a serem reconhecidos pelo tratamento a objetos de linguagem complexos.

No que se refere menos ao método e mais aos balanços abrangentes (não voltados a prefácios, curtos comentários ou resenhas) em torno da produção de Arantes, devemos ressaltar

o pioneirismo de Vladimir Safatle (2019) ao inaugurá-lo em texto de livro[10]. Em seu ensaio de nome "A energia negativa das classes subalternas: Paulo Arantes e a matriz transformadora da crítica dialética", é apresentada pela primeira vez uma perspectiva empenhada em encadear horizontes temáticos de Arantes de modo geral, embora sem preocupação com a contextualização. O ensaio de Safatle, diferentemente da presente pesquisa, procurou coligir e apresentar reincidências temáticas em Arantes como parte das preocupações e composições próprias ao conjunto do livro no qual o capítulo se dispôs – ainda que a redação do capítulo tenha sido motivada pelo evento "O ponto de vista da periferia: vinte anos do livro *Ressentimento da dialética* de Paulo Arantes", em 2016. Como se queira, o tratamento oferecido, arriscado nas generalizações e na hipótese que sustenta, mas sem dúvidas fecundo, deu margem a uma situação insólita na qual parte dos resultados apresentados foram confrontados diretamente pelo próprio "objeto": na ocasião de lançamento do livro, quando Arantes (Lançamento Dar corpo ao impossível, 2019, s. p.; transcrição sem revisão do expositor) falava ao lado do autor como convidado, o capítulo publicado por Safatle recebeu elogios, mas não foi poupado de críticas. Ali, o retratado afirmou que não se reconheceu na exposição e aproveitou para fazer reparos relativos às exigências normativas do retratista ao requerer posicionamentos quanto a pressupostos não explicitados em seus procedimentos de composição. No entanto, reconheceu assim mesmo um sentido de enredamento proveitoso porque o ensaio proporcionou, no entrelaçamento das produções e dos repertórios de ambos, fazer pensar criticamente dimensões em conjunto – perspectiva cara, como veremos, a Arantes, na medida em que ele também se propôs a pensar, a seu modo, seus interlocutores mais próximos em sistema: "[a] gente nunca domina o que escreve, é verdade. Quando pensa de verdade, seriamente, como você faz, até as últimas consequências, surgem ideias inesperadas para você e no meu caso".

Com a finalidade de evitarmos recair nos pontos ardilosos apresentados por aquele debate, vale a pena mencionarmos algumas das medidas de tratamento desempenhadas. A primeira delas se refere à demarcação de um movimento pouco usual, que tem seus custos e imprime um perfil à tese, no que diz respeito às estratégias de análise comuns aos estudos da sociologia da cultura: deixamos claro que tomamos a posição de coligir e de apresentar os registros de composição do objeto colados a uma perspectiva que procura mais agregar referências do que garantir a última palavra sobre elas. Diferentemente de produções de outro

[10] Nesse sentido, Marildo Menegat também merece menção. Ainda que não tenha publicado um artigo de balanço como Safatle fez, ele tem trabalhado há muitos anos com as contribuições de Arantes em sala de aula. Parte desse repertório pode ser acessado no capítulo "Olhos acostumados à sombra" de seu livro *Estudos sobre ruínas* (2012).

teor, especialmente empenhadas em evitar os ditames das problemáticas enredadas sob a rubrica de crítica à **ilusão biográfica**, a presente perspectiva investiu, ao contrário, na iluminação dos registros do autor e sobre o autor colados aos seus modos de significação, isto é, partindo de sua própria experiência em registro[11]. Isso, conforme se verá, não é sinônimo de um tratamento acrítico dos depoimentos mobilizados, como os riscos da tal **ilusão** supõem, ou de uma abstinência na assinalação dos conflitos entre as fontes. Em vez disso, ressaltamos a valorização dos **rastros**[12] de e sobre Arantes como modos de composição e exposição do objeto. Assumimos assim que, em caso de críticas provenientes de outros propósitos de compreensão, os intuitos cartográficos deste trabalho podem e devem inspirar inquietações a serem trabalhadas futuramente por aqueles que preferem assinalar abordagens no sentido contrário. Dito isso, a segunda medida se presta à tomada de posição no sentido de procurarmos evitar paralelismos imediatos entre tempos históricos – preocupação muito própria à natureza das inquietações do próprio objeto[13] – e a ressaltarmos procedências profiláticas no tratamento de objetos relacionados ao Brasil, os quais demandam noção de escala quanto às medidas e analogias.

Porquanto os presentes esforços se encaminham na direção de se aproximarem da abrangência referida ao ensaio de Safatle, ainda que partam de registros analíticos e objetivos

---

[11] O expediente em questão foi em partes inspirado pelos posicionamentos de Candido presentes no livro *O albatroz e o chinês* (2010), bem como em seus diversos depoimentos e evocações nos quais tematiza a relação entre memória e história. Em "Crítica e memória" (2010 [1997]), ensaio sensível sobre François Villon – motivo de zelo colecionista de Candido há sessenta anos antes da publicação – oferecido em homenagem a Décio de Almeida Prado, nosso crítico maior retoma a importância da experiência comumente descartada pela crítica: "Talvez devêssemos dar mais atenção aos arrabaldes do trabalho crítico. Sem prejuízo, é claro, do seu cerne, onde se localizam análise objetiva do texto e a investigação histórica. No afã de escapar do impressionismo (que, aliás, não só tem os seus encantos, mas a sua função legítima como etapa ou variante), nós exageramos certo purismo metodológico, afastando o mais possível, por exemplo, a intervenção do *odioso pronome*. De fato, não satisfeitos de descartar o autor, a fim de podermos enfrentar o texto como realidade autônoma, costumamos descartar mais ainda a espontaneidade das nossas emoções, como se além da falácia biográfica quiséssemos condenar também o que se poderia chamar, com o mesmo espírito, de falácia autobiográfica" (Candido, 2010 [1997], p. 33). Ainda que o caminho sugerido por Candido não seja exatamente o mesmo que percorremos, a sua solução desbloqueia vias a serem percorridas pelas condições que observamos: "no entanto, um capítulo vivo da periferia da crítica seria o que registrasse com o devido senso de oportunidade a história da nossa experiência efetiva com as obras, inclusive procurando determinar de que maneira fomos levados a encontrar, conhecer e amar as que se tornaram prediletas, sobretudo quando nos fazem companhia pela vida toda, na sucessão das releituras" (Candido, 2010 [1997], p. 33). Tais condições mencionadas podem ser observadas junto aos materiais nos quais Arantes fala a respeito dos ramais e caminhos que seguiu e percorreu, nos quais deu vez e voz às suas reflexões, relações e produções. Eles podem ser identificados com clareza naquilo que foi observado, por exemplo, como motivo afetivo em *Um departamento francês de ultramar* (1994) ou então no labirinto intempestivo de referenciais interpessoais e digressões em *O fio da meada* (1996). Portanto, configuram elementos dotados de importância aos nossos propósitos de pesquisa. Vale mencionar também o conhecido prefácio de Candido ao livro *Intelectuais e classe dirigente no Brasil* (1920-1945), de Sérgio Miceli. Sobre isso, ver o comentário escrito pelo autor da tese em "A contribuição do conceito de 'rastro' na compreensão dos intelectuais para o pensamento social no Brasil" (2018).

[12] Sobre a operação do conceito de *rastro* em relação ao testemunho, memória e história, ver: Jeanne Marie Gagnebin (2006), Carlo Ginzburg (2007) e Márcio Seligmann-Silva (2013).

[13] Na fala mencionada sobre o ensaio, Arantes identificou certa *hybris* no modo como as preocupações de seu itinerário foram sobrepostas a um filósofo do século XV da insurreição rural, em que pesem as afinidades eletivas presentes na apreciação do *Thomaz Münzer, teólogo da revolução*, de Ernest Bloch (1973 [1921]).

em muito diferentes, vale a pena mencionarmos, digamos, uma posição no que se refere às exigências normativas por posicionamentos. Em nota de um artigo, Luciano Donizetti da Silva (2018, s. p.) descreve uma situação na qual pressionava Bento Prado Jr. a definir – como se o transplante das linhagens, decantado, pudesse ser translúcido – afinal a sua **filiação filosófica**:

> Lembrança digna de nota: certa vez, numa orientação, perguntei ao prof. Bento sua *filiação filosófica* – falávamos sobre Lukács e, diretamente, perguntei se ele 'acreditava em Sartre'. **Ele disse que *caberia a mim mesmo decidir por ele*, pois *preocupar-se com a própria aparência* é o auge da alienação**; e, vendo meu desapontamento, acrescentou: *O existencialismo é filosofia perene*. Desarmado pelo enigmático de sua resposta tentei acrescentar algo *inteligente*: então o *Reino da liberdade sartriano* é possível? Ele me olhou, não se conteve e começou a rir. Acrescentou, ainda rindo ante meu *espanto*, que *dali algum tempo* eu mesmo poderia verificar isso... e concluiu, em meio a uma gargalhada: *Da janelinha do céu!* (Da Silva, 2018, s. p.; grifos nossos).

~*~

No que se refere à estrutura da tese apresentada, destacamos, a seguir, as divisões e subdivisões entre os tópicos e os capítulos. De início, vale destacarmos que as pretensões de extensão tomadas aqui são operacionalizadas em conformidade com dimensões abrangentes na lida com miudezas, demandando providências mediante o tratamento do recorte. Necessidade que pediu por uma esquematização estratégica para a realização e, consequentemente, o tratamento do material. Uma delas, dado o caráter propedêutico e aglutinador na montagem dos debates, é a profusão de notas de rodapé. Diferentemente de outros trabalhos, nos quais elas apontam a dizeres de menor relevância ao argumento central, aqui elas se fizeram recurso necessário e da maior importância aos nossos esforços. Assim, sugerimos que elas sejam lidas tal como o corpo do texto, sendo tomadas como dimensões agregadas. Se, por um lado, isso polui a fluidez do texto; por outro, garante a abertura mais abrangente de leques temáticos, adequados ao sugestionamento fragmentário das sugestões. Além disso, vale destacar que lançamos mão de uma periodicidade empenhada em indexar e tematizar pontos culminantes de mutação ou momentos significativos como estações de inflexão próprias ao desdobramento do itinerário de Arantes. Para tanto, o foco esteve no andamento de caráter social entre as preocupações em texto e ambiências de situações. No que se refere a isso, nos lastreamos em entrevistas[14], seus livros e, conforme aventamos, depoimentos do autor sobre si mesmo.

[14] Ainda que se diga que "Paulo Arantes não é entrevistável", como troça a orelha de *O fio da meada* (1996), ou cientes de que muitas das entrevistas são, na verdade, motivos encomendados para lançar mão da forma do diálogo, assumimos aqui que todos os documentos assinados por Arantes como entrevistas receberão, ainda que mediados

Nessa linha, encontramos e reafirmamos alguns eixos de clareza responsáveis por arquitetarem a estrutura geral: três capítulos dispostos em três fases bem demarcadas. Cada capítulo sugere um campo de tensões diferente no qual o itinerário de Arantes se locomove: a) o primeiro deles é destinado ao contexto de formação de Arantes (1964-1974); b) o segundo é referente à descoberta do ponto de vista da periferia (1974-1994); c) e, por fim, o último abarca o período posterior à assimilação social em torno do colapso da modernização até a publicação de *O novo tempo do mundo* (2014). Vale mencionar que, muito embora a periodização esteja assim disposta, não abdicamos de utilizar fontes ou documentos relacionados a Arantes posteriores ou anteriores a tais momentos – quando úteis aos nossos propósitos temáticos. Outro ponto de interesse está nas escolhas relacionadas ao movimento que dá sentido a essa cronologia: situamos três fases consecutivas correspondentes a) à formação como aluno e militante até o momento em que experiencia a ruptura radical do ambiente da Maria Antônia com o AI-5, b) às dimensões em torno da formulação de um modo original de exercitar a crítica de ideologia partindo de um ponto de vista lastreado pelas condições comparadas e negativas entre centro e periferia, c) ao perfil das intervenções posteriores que se situam a partir da "análise concreta de casos concretos" rumo às intervenções na era da emergência. Acreditamos que a sucessão desses três momentos, se reduzida assim graficamente, organiza a contento momentos importantes nas *démarches* de Arantes.

No primeiro capítulo, de nome "O mundo e os parêntesis: formação e expediente", temos dois tópicos. No geral, eles tomam como assunto o período de formação de Arantes até a defesa de sua tese de doutorado. O primeiro deles, "Razoavelmente escaldado", foca em reconstituir o itinerário do jovem Arantes na Juventude Universitária Católica a partir de dois tempos: o tempo que olha para trás, já no século XXI, e aquele outro que é olhado com ele, imediatamente pretérito ao ingresso no tempo morto. Para tanto, recorremos a depoimentos, comentadores e ensaios que valorizam a memória, em matrizes variadas. No segundo, "Uma passagem relâmpago", tematizamos o breve período em que Arantes atua como professor-assistente na Maria Antônia. Nele, seguimos o percurso da sua formação até a estadia na França, passando pelos debates que remetem a esse momento ensejados pelos efeitos de publicação em livro, em português brasileiro, de *Hegel: a ordem do tempo* (1981 [1973]).

No segundo capítulo, de nome "Um certo sentimento íntimo de inadequação: dualismo por todos os lados", temos quatro tópicos. Em comum, eles pretendem percorrer aspectos estratégicos do itinerário de Arantes quando ele retorna ao Brasil depois de concluir o doutorado

---

pelas suas especificidades, esse tratamento mencionado aos nossos propósitos de montagem. Afinal, como levam a sua assinatura, compõem, de um modo ou de outro, o todo de seu *corpus*.

– o início de seu "caminho original" a ser explorado – até as assimilações de época, nos anos noventa, sobre o colapso da modernização. Vale notar que, embora o quarto dos quatro tópicos foque com maior insistência nesse ponto, os outros três, ao seu modo, também dão notícias do desenrolar desse colapso. O primeiro deles, "Ideia e ideologia", parte do contexto em torno do texto homônimo, programático, "Ideia e ideologia" (1996 [1975]), resultado da assimilação de "As ideias fora do lugar" (1973 [1970]) – a pedra de toque que se desdobrará à crítica da modernização –, rumo aos entornos de *Ressentimento da dialética* (1996) e ao abandono do projeto do livro. O segundo, "A importância de não ser filósofo", parte desse novo contexto em que Arantes, a partir dos anos oitenta, se dedica às aulas para o primeiro ano e aos ensaios que viriam a culminar em *Um departamento francês de ultramar* (1994), período no qual o "caminho original" destoa de modo mais enfático das expectativas de seu *métier* ao transformá-lo, como balanço, em seu assunto. O terceiro, "Sentimento local do mundo", se dedica a explorar aprofundamentos da descoberta da matéria brasileira na relação de Arantes com o seu itinerário, sobretudo através da interlocução com as lições da literatura comparada, junto a Candido e Schwarz, mas junto também a Otília Arantes. Nesse tópico, abordamos um pouco mais de perto o período de publicação referente a *Sentido da formação* (1997) – nos estertores do grande "sim". O quarto tópico, "*Aufklärung* em parafuso", parte do quadro constituído e intenciona abordar os temas de investigação nas rebarbas dos ensaios sobre a Ideologia Francesa, os tempos de balanço sobre o pós-moderno, futuramente compilados em *Formação e desconstrução* (2021). Nesse tópico, que dá desfecho ao capítulo, o debate iniciado por Schwarz sobre o fim de século faz entrever, em ênfase, os problemas geopolíticos.

No terceiro capítulo, de nome "O mundo em colapso: sob o signo da emergência", temos quatro tópicos. Ele se propõe a percorrer o itinerário de Arantes do momento em que ele se posiciona mais diretamente nos debates dos anos noventa até as Jornadas de Junho de 2013. O primeiro deles, "Os pingos de não", se propõe a abordar algumas das primeiras tentativas de intervenção e de identificação do presente feitas por Arantes nesse novo contexto – no qual a distinção entre apocalípticos e integrados corresponde, por exemplo, ao esgotamento da tradição crítica brasileira diante do capitalismo mundializado –, o que o leva a se deparar com problemas enfáticos à ruptura de temporalidade e a se relacionar com novos atores, os jovens que procuraram constituir um campo político em torno da ação direta antiprogressista. Para tanto, nos propomos a apresentar momentos-chave de seus textos e interlocuções ao lado de uma contextualização mais ampla. O segundo deles, "*Nouvelle manière*", procura explorar como as disposições de Arantes mediante a compreensão de seu tempo despertaram discussões e debates sobre ele, os quais, em geral, se empenham em caracterizar, desde lá, a sua figura e

suas contribuições. Ao tempo em que sugere certo desnorteamento – essa palavra usual às tentativas de identificação que procuram fazer de Arantes – nos contrastes e dissensos, uma constelação de continuidades e rupturas em torno de seu itinerário é posta para debate. No centro deles, os propósitos das intervenções que vão além do burocrático. Assim, os registros-chave são os diversos retratos e tematizações de terceiros que abordam supostos pontos de inflexão. O terceiro, "O ato docente", se empenha em oferecer subsídios para a caracterização do modo de intervenção no momento em que deixa as obrigações estritamente referentes à sala de aula, quando se misturou ao novo ciclo de ativismo emergente. Ao longo do tópico, tematizamos o ativismo com o qual de algum modo se relacionou, bem como as propostas de aproximações ao estilo de intervenção de Arantes e aos momentos que compõem o arco cumulativo de interlocutores e iniciativas. O interessante nesse tópico passa por explorar os rumos que dão a ver diretamente o paralelismo cada vez mais distanciado entre as transformações no ensino e os seus modos de intervenção, participantes e rigorosos. Contudo, atenção: o trato com ativismos e ativistas não significa necessariamente uma adesão imediata aos seus grupos. Já o último, "Espírito de contradição", procura explorar a relação de Arantes com as Jornadas de Junho de 2013: seja ao longe, como sismógrafo, seja em seu interior, como parte do terremoto. Trata-se de um acontecimento que é tomado por nós como ponto culminante do ciclo de ativismo daquele período, fermentado desde os anos noventa. Assim, recuperamos diversos registros nos quais Arantes esteve envolvido por escrito ou pessoalmente neste que viria a ser, para ele, um tema central sobre o tempo brasileiro. Para tanto, a escala de acompanhamento comunica, diante desse acompanhamento, ao "caminho original".

Em vista dessas medidas, no que se refere ao desenvolvimento dos tópicos internos a cada capítulo, optamos por configurá-los mediante diretrizes temáticas preteritamente selecionadas. Estas ganharam fisionomia a partir de um processo de investigação empenhado em encaminhar, em cada um, chaves moderadas para o deslindamento de temas que julgamos pertinentes ao seu interior, correspondentes ao desenvolvimento geral da proposta do trabalho. Assinalar essa técnica se torna necessário, uma vez que ela se presta ao processamento de uma variedade de temas, linguagens e épocas. Por isso, é importante destacar que foi investido a cada uma dessas unidades um sentido particular de proposta, de modo a estabelecerem, juntas, um painel de unidades fechadas, complementares e independentes. Com isso, a partir de cada divisão temática, estabelecemos diretrizes moduladas de tratamento: algumas são mais voltadas ao contexto, outras mais dedicadas às análises e correlações entre textos etc.

Deste modo, dada a nossa proposta cartográfica de composição do objeto, consideramos importante reiterar que a produção de Arantes é dotada de complexidade e, por isso, não

possuímos a pretensão de oferecer interpretações dispostas a cravar, taxativamente, seus horizontes de sentido. Ao contrário disso, a pesquisa pretende oferecer, em suas contribuições, um caminho, aberto, capaz de organizá-la e percorrê-la. No decorrer desse percurso de análise, nos esforçamos em aglutinar e contrapor, conforme mencionado, diversas contribuições de outros autores que estão interseccionadas com a produção de Arantes. Acreditamos que a composição desse arco de interações é capaz de oferecer parte dos meandros capazes de indexar o andamento de um campo de problemas comuns. De modo que, à exceção de algumas considerações de juízo próprio, focalizaremos, no que diz respeito aos elementos internos ao texto, em considerações apoiadas na recepção crítica, em vista de **diálogos** e **olhares** a textos.

De maneira geral, os elementos a serem considerados em análise foram recolhidos a partir de consultas bibliográficas feitas em livros, artigos, ensaios e entrevistas. A mobilização desses registros se fez com o intuito de articular, por um lado, o sentido geral das perspectivas que acompanharam os desdobramentos da e sobre a produção de Arantes e, por outro, a constelação de sentido para a compreensão necessária dos elementos caracterizadores que orbitaram, a partir de efeitos e gênese, a suposta heterogeneidade em caso. Algo disso, consideramos, comunica às formações de sistema que, não raro, se montam através de tripés correspondes a autores, obras e público. Foi através da reunião desse repertório que oferecemos tratamento às formas de reflexividade de Arantes em face dos artifícios de interferência contextual, ou seja, às confluências estruturantes, às interpretações de terceiros em torno de seus ensaios, temáticas e afins. Nesse sentido, vale mencionar que os ensaios de Arantes publicados em livro não correspondem necessariamente ao seu contexto de formulação: muitos deles foram publicados passados décadas de diferença entre um ponto e outro. Por exemplo, embora *Um departamento francês de ultramar* (1994) e *Formação e desconstrução* (2021) guardem aparentemente vinte e sete anos de distância, os seus respectivos ensaios "A musa do departamento" (1992) e "Tentativa de identificação da Ideologia Francesa: uma introdução" (1991) foram escritos em momentos praticamente simultâneos.

~*~

Dito tudo isso, cremos que esteja claro como a presente tese de doutoramento opta estrategicamente por tomar algumas posições incomuns a determinadas convenções. Acreditamos que isso se justifique, conforme já aventamos, em larga medida pela natureza ainda em construção do objeto. Assim, tomadas de posição esperadas como "concordo com tal autor", "discordo disto e daquilo" etc. – o leitor constatará – não têm encontro marcado. Tais

tomadas de posição, por outro lado, podem ser visualizadas nos traçados da composição exposta, presentes na urdidura do texto: nas medidas, na seleção e na montagem de cada passagem. Ainda nesse sentido, no que diz respeito à concreção do campo de problemas comuns, procuramos o quanto fosse possível não discriminar as fontes – mal do qual o esnobismo ou o corporativismo acadêmico padece –, agregando extensamente posicionamentos, momentos e tendências as mais variadas a título de registro e articulação próprios a cada contribuição. Do mesmo modo, ainda que eventualmente alguma fonte relevante tenha escapado ao repertório mobilizado pela nossa pesquisa, assumimos que parte fundamental da contribuição da presente tese de doutoramento consiste na agremiação dessas referências repertoriadas – e em dispô-las ao escrutínio crítico do próprio leitor. Dentre as fontes, encontramos desde produções acadêmicas até publicações virtuais perdidas pelas poeiras das blogosferas. Ressaltamos, por exemplo, o resgate de textos até então praticamente ignorados como, por exemplo, “Cuidando de Filosofia no Brasil, e vice-versa” (1989).

Conclusão

Em "A gênese de um pensamento", Ricardo Musse (1998) aponta para as duas faces da moeda que compõem o itinerário de Paulo Arantes em seus múltiplos desdobramentos: uma delas enraizada ao convívio com a cultura filosófica universitária, transplantada da Europa. A outra, voltada à dimensão social – da formação à subtração – de um país periférico. As duas, sugere o texto, retomam a figura de Jean Maugüé: seja nas diretrizes para o ensino de filosofia em um país como o Brasil, seja na espécie de estímulo que o aproximou das diretrizes de um grupo como aquele, reunido em torno da revista *Clima*. Sobre elas, soma-se, ainda, e aqui

---

juntos ao Fim do Fim da História, passamos a pulsar na mesma temporalidade, cuja mola propulsora voltou a acelerar no vazio de um 'regime de historicidade' que alguns estão chamando de apocalíptico (Lazzarato), querendo dizer com isso, entre tantas outras coisas que se perdem na noite dos tempos, vontade de apertar o gatilho. Respeitada a natureza das metáforas, Junho foi esse gatilho, e continuou sendo durante dez anos. Dito isso, ainda não sabemos, e só nos resta imaginar, como nossos autores reagiriam à pergunta literalmente desaparafusada da qual partimos: a História voltou mesmo ao Brasil depois de Junho?" (s. p.). Entre um e outro, noutro sentido de nervura, o ensaio de Arantes "Antes que seja tarde demais: de Junho a outubro" (2022) – uma adaptação da entrevista dada ao livro *Tudo por um triz: reflexões sobre outubro* (2022), organizado por João Cezar de Castro Rocha – merece ser lembrado pois oferece outros caminhos para pensar a tal legião. Tomando a passagem das Jornadas de Junho ao período eleitoral de 2022, Arantes diz: "Como ficamos? Gostemos ou não, de um jeito ou de outro, interpondo mil e uma mediações, o fato é que aquilo deu nisso. No espaço que me resta, vou puxar um fio desse enredo tenebroso, um fio que ainda não tinha condições de identificar no calor da hora em que também arrisquei a minha visão dos acontecimentos de Junho de 2013. Estou pensando no sinistro e ameaçador 'cidadão de bem' que começou a dar as caras nas ruas de Junho, mas de cuja construção jamais se poderá dizer que sua *nêmesis black bloc* contribuiu sequer com um bem merecido tijolinho. Como é sabido, esse personagem lamentável não é novidade na sociedade brasileira. A figuração que me interessa foi identificada na pesquisa pioneira conduzida por Isabela Kalil. Trata-se antes de tudo do 'manifestante pacífico' das ruas de Junho, por contraste com os baderneiros, os vândalos etc. O cidadão não violento que protesta pacificamente, reencarnará em 2016 na multidão dos impeachadores distinguindo-se dos baderneiros que por sua vez se tornam 'corruptos', 'vagabundos' (a mais execrável das vagabundagens consiste em se beneficiar de programas sociais ou qualquer política de ação afirmativa sem passar pelo crivo purificador do trabalho duro), resumo enfim de tudo aquilo que não presta, dos costumes transviados aos profissionais da política. E por aí vamos, o roteiro é conhecido que ao fim e ao cabo levará à caça dos 'esquerdistas' e assemelhados. A caminho de se tornar um caçador de comunistas, por mais acachapante que seja a lembrança, é bom não esquecer que nosso personagem carrega as marcas de Junho, afinal, também manifesta, protesta, se rebela enfim contra o modo pelo qual até então se governou e foi governado" (Arantes, 2022, p. 125). Ocorre, prossegue, que o caminho se completou: "O passo para a insurgência extremista se dá quando nosso homem de bem se apresenta para o combate como um 'patriota' (outra boa lembrança de Isabela Kalil), pronto para o sacrifício no altar da pátria e outros fantasmas persecutórios. O principal deles é a percepção de uma ameaça existencial iminente, encarnada por um inimigo, e eles são legião, como os demônios de Dostoiévski, que cabe ao cidadão de bem dar combate numa batalha de vida ou morte que só agora reencontra o seu verdadeiro nome, Política. O que nos devolve, para mal de nossa agonia cotidiana, o golpe-não-golpe nosso de todo dia, ao coração de nossa polarização assimétrica: de um lado, o *dog whistle* que dá o comando do extermínio de todos os brutos, do outro, a moderação insustentável, e no limite conivente, dos apelos ao realismo esclarecido das últimas duas décadas de concertação em torno de governos da vida danificada. Mas isso não é tudo, nem o mais perturbador nos termos de nosso ponto cego de agora: como aquilo deu nisso, sendo no entanto incomensuráveis? É que a política como transcendência da luta entre expectativas que não admitem rebaixamento foi redescoberta na rua, em Junho, à revelia do lero-lero melhorista dos poderes estabelecidos. Nesse sentido sim, a extrema direita nasceu em Junho e chegou rapidamente à maioridade elegendo cinco anos depois a rigor um sintoma desse parto, enquanto a outra metade da laranja insurgente praticamente se autodestruiu ao apostar na tática estouro-e-libertação da multidão dos esfolados e mal assistidos públicos-alvo" (p. 125-126). Processo que se completou ao desaguar na escolha pela guerra civil, tática que passa, de acordo com o texto, por uma contraofensiva preventiva, o que oferece outro capítulo recheado de ambiguidades à contrainsurgência sem insurgência – caminho explorado, desta vez, por Fernando Frias, Maria Luiza Meneses e Pedro Fiori Arantes em *8/1: A rebelião dos manés: ou esquerda e direita nos espelhos de Brasília* (2024).

acrescentamos em base do exposto, todo um itinerário de dupla filiação, por dentro e por fora do expediente, no qual se desenha uma dinâmica cada vez mais sensível ao lado de fora, enfeixando o cultivado no lado de dentro da estufa às suas esperanças. Neste encalço, as fendas e frestas várias, aqui recompostas, sugeriram certo sentido de acompanhamento junto aos rastros coligidos. Estes articulam fundo e figura ao relacionar publicações, editorações e intervenções. Os quais falam aos desafios sobre o tempo: seja em atmosfera rarefeita, como no doutorado sobre Hegel, seja em atmosfera compressa, rente às pressões dos acontecimentos.

Ao longo das páginas precedentes, tateamos o desenho desses caminhos a partir de tais entradas, a fim de percorrermos uma composição de itinerário viável. Sem pretendermos algo como um monopólio interpretativo, organizamos sentido. Aliás, as contribuições de Arantes continuam ativíssimas, dado que, até os dias que correm, sua prosa e suas intervenções continuam a se desenhar, abordando temáticas como o tempo do fim, a Era Atômica, as mudanças no sentimento religioso popular, a militarização do cotidiano e até mesmo – como fez desde os anos oitenta – o seu próprio itinerário. Aqui, apoiados nas produções de um campo emergente e que já data de décadas, como a sociologia da cultura, consideramos a possibilidade de mostrar como os movimentos de formação, deslocamento e paralelismo constelados ao conjunto de relações daqueles elementos mobilizados ao redor da montagem do itinerário foi capaz de iluminar senão a estrutura ao menos a gênese do "caminho original" de Arantes.

Considerado o itinerário de Arantes cartografado por extenso, podemos identificar um movimento que a recomposição proposta acompanhou. Vejamos: em primeiro lugar, tivemos o desenho inicial da formação política e estudantil de Arantes, os primeiros contatos com a ruptura na temporalização, nos anos sessenta. Em segundo, vimos traços da constituição de um ponto de vista a ser formado a partir da periferia do capitalismo como crítica à ideologia, adiantando aspectos críticos à modernização. Em terceiro, acompanhamos entradas relacionais correspondentes ao período de agudização daquelas contradições, e que aproximam as práticas de Arantes a situações afins a modos de intervenção mais direta, intensificando o sentido político de suas análises, numa abertura a novos interlocutores. Se é verdade que essa cartografia, de certo modo, parte da "montagem do relógio" – na feliz expressão de Sílvio Rosa Filho –, rumo à compreensão do tempo presente, nele é possível encontrarmos todo um regime de tensões plurais em semântica e que sugerem diversas escalas e ângulos aproximativos.

Nesse sentido, Arantes abrangeu uma série de viravoltas, atento ao sentido das tensões sustentadas no interior dos polos: estufa e câmara de decantação, alienação e emancipação, dialética e insurreição, enfim, toda uma série de injunções disjuntivas nas ruínas da totalidade, dualidades sem dualismo rumo à autoconsumação do contemporâneo, que nos aproximam da

razão estratégica, uma prática negativa, na compreensão do seu ponto de vista bifocal – se entendemos bem, a bússola de suas intervenções –, preparado para operar as passagens do dois ao zero, ou seja, as fissuras crescentes na fratura que abrigam as pistas ambientes do nada na acepção brasileira do termo. Atento, assim, aos sentidos nos sinais do tempo, mantendo-se a par das situações de aposta, mas ciente das peripécias das ideologias de segundo grau.

Em *O fio da meada* (1996), por exemplo, as duas metades mencionadas por Musse – as quais se imbricam a muitas outras, dada a relação entre mundo e conceito –, a universitária e a material, responsável por traduzir necessidades imediatas, dançam nas camadas da prosa de Arantes. Dimensão que parece se confirmar com os rumos da nossa cartografia. No descenso sentido mais imediatamente, entre uma e outra, mais fraturas: o declínio do Partido da Inteligência, mil e uma transformações geopolíticas e, como sugere Fabio Mascaro Querido (2024), o surgimento de um novo ramo quase bastardo, embora da maior importância, na linhagem da escola paulista de pensamento – agora, mais negativa do que nunca. Prova de compromisso e atualidade, o que aponta ao crescente interesse internacional que a ramificação em questão tem provocado. Via Roberto Schwarz, ela aparece no livro *Roberto Schwarz and world literature: critical essays* (2024), editado por Thomas Waller, do *University College Dublin*. Esboço de linhagem que não se dá apenas ao lado de Roberto Schwarz, Arantes e Francisco de Oliveira, como Querido sugere – ao lado deles poderíamos somar também outros nomes, como o de Modesto Carone –, mas sobretudo ao lado de jovens ativistas, professores e estudiosos. Daí a sustentação e as implicações de se pensar por dentro e por fora. Conforme vimos, Arantes, nesse sentido, pode ser tomado como um intelectual destrutivo – ainda que ele ironize o alcance do cartaz – que já foi considerado inoportuno, se afastou em boa parte do *establishment* acadêmico e credibilizou a conversa junto às novas gerações, surgidas em São Paulo e alhures – tornando, nas palavras de Schwarz (2021), uma espécie de ministro da cultura sem pasta, à moda de Antonio Candido (voltamos a gravitar *Clima*) e da teoria crítica alemã.

Neste rastilho, o mais curioso de todo o percurso é que Arantes parece despontar como uma espécie de intelectual público tardio, quando a própria figura do intelectual parece cada vez mais inviável. Efeitos de uma crítica à ideologia negativa e atenta à análise concreta de casos concretos? Possivelmente. Porém, há nisso algo mais. Algo que tange desde a formação de um ponto de vista até a valorização criteriosa – e, por que não, bem-humorada – da função em sistema, munida de ironia, de uma curadoria dos elementos decisivos de seu tempo. Por isso, Schwarz também falou em clarividência cumulativa ao tomar como assunto os Seminários das Quartas. Tais encontros, ele diz, puderam prever, a seu modo, tendências que viriam a se

tornar hegemônicas nos modos de funcionamento da extrema-direita mundializada, ao mesmo tempo em que articulou, trazemos aqui alguma ênfase, uma *intelligentsia* com traços próprios.

Entre o testamento de uma geração, a extinção da própria tradição crítica brasileira, e a plataforma de outra nova – um grupo de pessoas de passagem por um breve período da história –, lá estava Arantes, em movimento, empenhando tanto a sua formação rigorosa quanto o exercício de uma prosa talhada pela ambição da fluência e presença de espírito totais para amparar novas forças de contraponto ao constituído. Desaguadouro que, nos limites do presente trabalho, permite entrever algo sem paralelo a um itinerário, dado que muito do considerado, ontem, fora de esquadro, foi considerado, com o tempo, precisão ao fundamental. O segredo? Nosso traçado permite especular algo como as ocasiões do radical: da "montagem do relógio", passando pela virada negativa das interpretações sobre o Brasil – reassimiladas pela escola paulista – até as respostas provenientes de formas de ativismo autônomo, as suas lentes estiveram apuradas para acompanhar o andamento da degradação proveniente da contrarrevolução permanente em manobra do sentido cumulativo do colapso social.

Ainda que o presente registro tenha se esforçado em retraçar algumas das linhas-mestras do itinerário de Arantes naquilo que chamamos de cartografia, ainda há muito, nos entornos das suas contribuições, para ser posto em questão e reconhecido, pensado e repassado. Críptica, elíptica e alusiva, como se sabe, a sua produção escrita não é de fácil penetração. Seus ensaios – como foram também os de Gilda Rocha de Mello e Souza, muito embora noutro registro de ambição e fluência – orbitam campos magnéticos, sugere-nos Denilson Cordeiro (2021, s. p.), nos quais as palavras obedecem a diversos registros e que ecoam ressonâncias ao seu estilo, identificado, conforme acompanhamos, como farpado, parasitário e inventivo. Assim, a prosa de Arantes guarda muito de esguia. Diante dela, o comentário coloca, brechtianamente, os donos dos motes no *front*. Raramente se move em primeira pessoa, consciente dos rumos da astúcia machadiana: quem ri por último ri melhor da ideologia. No interior dela, arrolamentos de perspectivas cruzadas fazem brotar os mapas dos desenganos às situações-limites.

Ainda que se explore vez ou outra o falar de si, como em *O fio da meada* (1996), por exemplo, a forma da entrevista-inventada – troça que em muito remonta à boemia bem-humorada de Bento Prado Jr. ou aos trocadilhos modernistas – faz evadir o instante do passo em falso e passa a se locomover a partir dos erros e acertos do outro. Desde os costumes tradicionais das dissertações à francesa praticadas pelo Departamento de Filosofia até o zelo correspondente às lições aprendidas no desbravar do labirinto hegeliano: sopa mefistofélica cozinhada em velocidade variável, muito embora no fogo baixo da paciência do conceito, em que pesem seus efeitos de creolina (como gosta de dizer), nos quais o movimento dos

ingredientes embaralha as ilusões, os ilusionistas e os iludidos – donde algo se mostra porque toca o fundo do poço. E tudo isso, como é de praxe na periferia do capitalismo, sem jogar fora com a água do banho as heranças de radicalismo em movimento.

Em Arantes, ainda no que diz respeito às duas faces daquela mesma moeda – e seu avesso –, modéstia e desejo de totalidade convivem. Juntos, os dois operam a favor do estilo de intervenção, desenvolvido com o passar do tempo. Na medida em que os escritórios e escaninhos cedem espaço ao cultivo das interlocuções, digamos, fora do estúdio, Arantes estabelece intersecções relacionais entre a Universidade e as tais organizações paralelas e alas móveis – referidas por Candido, como vimos, como dimensão profícua, em vista dos momentos decisivos da Universidade de São Paulo. Desse modo, ele não só se liberta, nalguma medida, dos aspectos modorrentos da rotina institucional, mas conversa com os ponteiros em resposta à pergunta: que horas são? Como representante da quarta geração do Departamento de Filosofia, aquela que justamente corresponde à geração de 68, aprender a pensar com o Brasil acentuou a sua originalidade, tomando corpo na sua relação cumulativa e negativa com a matéria brasileira. Disso, para a compreensão dos desafios do mundo sem aderir e sem aderência. Por isso, seu ponto de vista destoa quando se opõe, como apocalíptico, à fileira dos integrados – posição que o tempo fez questão de credibilizar, conforme atesta o depoimento de José Miguel Wisnik (2021) para a homenagem promovida pela revista *Cult*, em correção de rumos: "hoje, com a fratura brasileira agravada ou tipificada pelo bolsonarismo no poder, muito do seu radicalismo nada modesto me parece beirar simplesmente a sensatez" (Wisnik, 2021, s. p.).

Falando nele, na apresentação daquele número 272 da revista *Cult* em homenagem a Arantes, Sílvio Rosa Filho, seu organizador, traduz, no que diz respeito ao caminho que percorremos, a situação do ponto de chegada: "Sucede que ela [a radicalidade] pode ser encontrada, agora, sob o nome e o renome de um professor de dupla carreira: por dentro da universidade e fora dela" (Rosa Filho, 2021, s. p.). Trata-se de um contraste que, naquele momento, permitiu a homenagem entrelaçada ao reconhecimento de um resultado, por exemplo, jamais encontrável no tempo dos comentários introdutórios da entrevista de outro tempo, "Um intelectual destrutivo" (2004), também publicada na revista *Cult* – e que, por acaso, ficaram por lá –, quando a marca distintiva ainda residia no estranhamento dos integrados, que abafavam as más novas, fartos e felizes em suas posições enquanto o andamento da sintaxe da frustração fazia deles óleo ao ritmo dos "ponteiros de um relógio no pulso de um morto" (Arantes, 2004 [2001], p. 17). Entre uma e outra edições das revistas, uma trilha de diferenças.

Naquela edição de 2004, Arantes é apresentado como uma ovelha negra da filosofia uspiana[312]. Lida aqui, ela contrasta em boa parte com o modo como foi aclamado, posteriormente, por Schwarz, no comentário do dossiê. Ali, ele é "figura nacional" atualizada e eficiente em promover premonições relativas aos tempos sombrios anunciados.

Comparadas as revistas, ao que nos interessa de perto, temos apenas uma pequena amostra dos tensionamentos que o itinerário de Arantes é capaz de sugerir. Ao longo dos capítulos e dos tópicos da tese, desfiamos momentos referentes à abordagem de parte daqueles momentos decisivos. Do primeiro capítulo, pudemos acompanhar, em primeiro lugar, como Arantes compôs parte da safra de alunos e professores da Universidade de São Paulo, marcados pela renovação estudantil posterior ao sufocamento das iniciativas nacional-populares. Cultivado, depois da ação militante, no interior da estufa de raízes francesas – o exercício no ateliê da jovem cultura filosófica no Brasil – e prestes a se formar em São Paulo. Com o final trágico da Maria Antônia, Arantes ainda pôde conviver com os fragmentos radicais daquela cisão, justamente os professores açoitados pela Ditadura Militar e forçados a sair do país, convivendo numa espécie de puxadinho paralelo dos radicais da Maria Antônia, enquanto escrevia, como bolsista, sua tese sobre Hegel, que viria a ser bibliografia de referência, na França. Do segundo capítulo, fruto direto daquela experiência no exterior, o processo de apuro da voz crítica, uma descoberta na opinião brasileira, diante da ideologia. Das ideias fora do lugar, de Schwarz, para repassar as origens da dialética, à maturação, ao lado de Prado Jr., da "Ideologia Francesa", em contraste com a tradição crítica brasileira, as conversas se mostram. Enquanto isso, no interior da Universidade, pouco a pouco a agregação de novos assuntos e temas em sala de aula, bem como o convite herético de fazê-la pensar em face de si mesma.

[312] O comentário de Marcelo Rezende dizia o seguinte: "Em um início de noite do segundo dia de agosto último, o filósofo Paulo Eduardo Arantes falava em seu apartamento, no Bairro de Pinheiros, em São Paulo, sobre as possíveis motivações que poderiam explicar por que seus atos de engajamento, escritos e atuações de todo o gênero têm sido costumeiramente descritos por um grupo composto por amigos, ex-amigos, amizades próximas, colegas distantes e oponentes declarados como resultado de um apego irracional às ideias vencidas pela história. Arantes é um intelectual marxista. Ou, talvez a descrição mais exata, Arantes continua um intelectual marxista, e essa posição o obriga, naturalmente, a caminhar sobre as brasas da 'realpolitik': 'Há uma tendência em tentar provocar minha 'dinossaurização'', diz ele calmamente. Sua fala é carregada de tom amistoso, um humor positivo, mas parece haver o espaço sempre presente para a ironia, pronta a fazer um aceno repentino diante da face de seu interlocutor. Arantes é um engajado e irônico intelectual marxista brasileiro" (Rezende, 2004, p. 27). Em *Diccionario de bolso do Almanaque Philosophico do Zero à Esquerda* (1997), Arantes escreveu um verbete a respeito de si mesmo que também registra os olhares tortos provenientes das suas intervenções antiprogressistas responsáveis por inaugurarem um novo passo em seu caminho original, agora ao lado da juventude que viria a se tornar no futuro parte desse processo de cultivo: "Um certo Arantes – 1) Reducionista da Escola Mecanicista. Frequentou os maiores espíritos do seu tempo. Completamente ultrapassado e decadente. O mesmo autor que nos deu quando jovem um Hegel promissor, não se peja hoje de publicar um livro de diálogos no qual se transcreve até uma ida ao banheiro. 'Silêncio no Butantã', chegou a pedir um pró-reitor sinceramente consternado (OESP, 23/11/96). Vive atualmente de pizzaria em pizzaria (v. Pizzaria); 2) 'O Paulo Francis da filosofia brasileira' (Giannotti) (v. Dez mil metros acima do Brasil); 3) 'Pior que ACM' (Giannotti) (v. Ricos entre si); 4) Autor deste modesto baedecker (remissão a um tipógrafo alemão de guias) do Ajuste Intelectual" (Arantes, 1997, p. 74).

Caminhando, assim, nos trilhos de quem se pôs a observar a possibilidade de tomar comparativamente, através da experiência brasileira e seu avesso – distanciado da cartilha ontológica –, um arco de assuntos que conversaram diretamente com os sentimentos da dialética e à crescente perda de referentes. Tudo apontando, com o passar do tempo e nos resultados ante o desdobramento das esperanças, a uma nova ordenação geopolítica entrópica, esperada. Do terceiro, do domingo da vida à Era da Emergência, de um lado como de outro, as novas maneiras que embaralharam a escola de paulista de pensamento – sem deixar de demonstrar, com isso, o valor do aprendizado com os jovens nascidos e crescidos no interior desses processos, empenhados em intervir e decifrar as novidades da velha esfinge capitalista.

Tempo, portanto, de começar tudo de novo e, em posse dos esgotamentos, partir das referências para as novidades e aos jovens. Desligado das obrigações formais, as quais nunca lhe representaram um fim em si mesmo, a ampliação das suas atividades. Olhares ao tempo cada vez mais requeridos, conforme os anos seguintes e que escapam ao nosso recorte viriam a dar notícia – pois atentos aos desafios muitas vezes turvados pelo noticiário da política, digamos, realmente existente dos progressistas. Enquanto isso, Arantes continua, naquilo que lhe interessa mais diretamente: participando de seminários, orientando novos alunos e circulando, de um modo como de outro, por universidades e coletivos de todo o país. Do início ao fim desta nossa proposta de leitura, não podemos deixar de ressaltar a condição crescente das suas intervenções. Da perda da timidez com a imprensa oficial nos anos oitenta, ela rumou ao contraponto, aos jovens militantes, aos sem-terra e aos artistas. Por tudo isso, e mais, passado em escrutínio o nosso percurso, podemos dizer: acompanhá-lo em seus rastros não apenas faz constatar por extenso uma diferença, mas um testemunho do fermento da heterodoxia – essa ousadia rigorosa, sensível, autêntica e radical em ocasião, de encontro ao presente.

Bibliografia

Livros consultados de Paulo Arantes

ARANTES, P. E. **Diccionario de bolso do almanaque philosophico zero à esquerda**: primeira dentição, ano III da era FHC. Petrópolis: Vozes, 1997.

ARANTES, P. E. **Entre os destroços do presente**: quatro entrevistas sobre o novo tempo brasileiro do mundo (2014-2015). São Paulo: [s.n], [s. ed.], 2021.

ARANTES, P. E. **Extinção**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ARANTES, P. E. **Formação e desconstrução**: uma visita ao Museu da Ideologia Francesa. São Paulo: Editora 34: Livraria Duas Cidades, 2021.

ARANTES, P. E. **Hegel**: a ordem do tempo. São Paulo: Polis, 1981.

ARANTES, P. E. **O fio da meada**: uma conversa e quatro entrevistas sobre filosofia e vida nacional. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996b.

ARANTES, P. E. **O novo tempo do mundo**: e outros estudos sobre a era da emergência. São Paulo: Boitempo, 2014.

ARANTES, P. E. **Ressentimento da dialética**: dialética e experiência intelectual em Hegel (antigos estudos sobre o ABC da miséria alemã). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996a.

ARANTES, P. E. ***Sentimento da dialética* na experiência intelectual brasileira**: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ARANTES, P. E. **Um departamento francês de ultramar**: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

ARANTES, P. E. **Zero à esquerda**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

Livros e artigos de Paulo Arantes escritos junto a Otília Arantes

ARANTES, O. B. F. e ARANTES, P. E. Ainda se trata de formação. In: MICELI, S. e MATTOS, F. **Gilda**: a paixão pela forma. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007 [1997].

ARANTES, O. B. F.; ARANTES, P. E. Apresentação. In: FIORI, E. M. **Textos escolhidos v. II**: Educação e Política. Porto Alegre: L&PM, p. 1-14, 1991.

ARANTES, O. B. F.; ARANTES, P. E. **Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas**: arquitetura e dimensão estética depois das vanguardas. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ARANTES, O. B. F.; ARANTES, P. E. **Sentido da formação**: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lucio Costa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

Artigos dispersos de Paulo Arantes

ARANTES, P. E. 1964, o ano que não terminou. In: TEATRO de Narradores. **Caderno de ensaios 3**. São Paulo: Imprensa Oficial, p. 86-107, 2009.

ARANTES, P. E. A lei do tormento. In: Desgranges, F.; Lepique, M. (orgs.) **Teatro e vida pública**: o Fomento e os coletivos teatrais de São Paulo. São Paulo: Cooperativa Paulista de Teatro; Hucitec, 2012. p. 200-210.

ARANTES, P. E. Antes que seja tarde demais: de Junho a outubro. In: **Margem esquerda** – revista da Boitempo. São Paulo: Boitempo Editorial, n. 39, 2022.

ARANTES, P. E. Capitalismo acadêmico. In: **Revista Zero à esquerda (*online*)**, 2024 (2014). Disponível em: https://zeroaesquerda.com.br/index.php/2024/09/20/capitalismo-academico-paulo-arantes/. Acesso em 02.01.2025.

ARANTES, P. E. Como era gostoso o meu francês. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 mai. 1994.

ARANTES, P. E. Cruz Costa, Bento Prado Jr. e o problema da filosofia no Brasil – uma digressão, In: ARANTES, P. E. *et al*. **A filosofia e seu ensino**. Petrópolis (RJ): Vozes/São Paulo: Educ, 1995 (1993).

ARANTES, P. E. Cuidando de Filosofia no Brasil, e vice-versa. In: **História do pensamento**. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda., n. 60, p. 722 e 723, 1989.

ARANTES, P. E. Da noite para o dia. In: Coletivo DAR (orgs.) **Dichavando o poder**: drogas e autonomia. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

ARANTES, P. E. Manias e campanhas de um benemérito: breve nota sobre o Dr. Pereira Barreto e o positivismo no Brasil, em resposta a Luiz Antônio de Castro Santos. In: **Novos estudos Cebrap**, n. 22, p. 199-204, out. 1988.

ARANTES, P. E. **O mundo como alvo**: uma genealogia da militarização contemporânea [recurso eletrônico]. São Paulo: [s. n.], 2021 (2019). Disponível em: https://sentimentodadialetica.org/dialetica/catalog/book/110. Acesso em 02.01.2025.

ARANTES, P. E. O ornitorrinco virou um monstro: e agora, Chico?. In: BARROS, J. *et al*. (orgs.) **Francisco de Oliveira**: questões, diálogos, depoimentos [recurso eletrônico]. São Paulo: FFLCH/USP, 2022.

ARANTES, P. E. O que escolhemos esquecer. In: OLIVEIRA, L. M. de. **As dinâmicas da luta pela anistia na transição política**. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2016.

ARANTES, P. E. O recado dos livros. In: **Literatura e sociedade**, São Paulo, v. 14, n. 12, p. 116–119, 2009 (2007).

ARANTES, P. E. Palestra de abertura do Seminário “Verdade, Memória e Justiça: 50 anos do Golpe Militar”. In: **Comissão da Verdade Marcos Lindenberg da Universidade Federal de São Paulo (online)**. São Paulo: Pontocom, p. 399–414 2021. Disponível em: https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/comissoes-da-verdade/universitarias/cvmlunifesp_67_6086f6769ab4c.pdf. Acesso em 02.01.2025.

ARANTES, P. E. Por dentro e por fora. In: **Passa Palavra (*online*)**, 2010. Disponível em: https://passapalavra.info/2010/09/28701/. Acesso em 02.01.2025.

ARANTES, P. E. Positivismo no brasil: breve apresentação do problema para um leitor europeu. In: **Novos estudos Cebrap**, n. 21, p. 185-194, jul. 1988.

ARANTES, P. E. Post-scriptum sobre o décimo aniversário. In: **Dez anos antes de junho de 2023**. Rio de Janeiro: Alameda Institute, dossier II, 2023.

ARANTES, P. E. Relação partido e governo. In: **Revista Sem Terra**. São Paulo, n. 20, julho/setembro, 2003.

ARANTES, P. E. Um depoimento sobre o padre Vaz. In: **Síntese**: Revista de Filosofia, v. 32, jan/abr., p. 5-24, 2005. Disponível em: https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/338. Acesso em 02.01.2025.

ARANTES, P. E. Uma educação pela espera. In: FONSECA, M. A.; SCHWARZ, R. (orgs.) **Antonio Candido 100 anos**. São Paulo: Editora 34, 2018.

ARANTES, P. E. Uma irresistível vocação para cultivar a própria personalidade. In: SILVA, I. (org.) **Filosofia e cultura**: festschrift em homenagem a Scarlett Marton. São Paulo: Editora Barcarolla, 2011 (2003 [1981]).

Documentos de autoria de Paulo Arantes

ARANTES, P. E. ***Le Neveu de Rameau*, figura da *Fenomenologia do Espírito***: Ruy Fausto/ Ética e C. Política. 2º semestre de 1967 [prova escrita].

Entrevistas de Paulo Arantes

ARANTES, P. E. A voz de um filósofo dissonante. In: **Revista Época**. 23.04.2007.

ARANTES, P. E. O MST recriou a escola. In: **ADverso**, v. 159, p. 08-11, 2008.

ARANTES, P. E. Precisamos de algo politicamente revelador e contundente. In: LOUREIRO, I. (org.) **Socialismo ou barbárie**. Rosa Luxemburgo no Brasil, p. 107-126, 2008.

ARANTES, P. E. Tarifa zero e mobilização popular [transcrição de fala]. In: **Blog da Boitempo**. 03.07.2013. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2013/07/03/tarifa-zero-e-mobilizacao-popular/. Acesso em 03.01.2025.

ARANTES, P. E. Temos de gerar alternativa, senão é cair no abismo. In: **Dissenso**. São Paulo, v. 1, n. 2, 1999 (1998). Disponível em: https://www.revistas.usp.br/dissenso/article/view/105213/103941. Acesso em 03.01.25.

BARROS E SILVA, F. Arantes ironiza turma do 'a favor'. In: **Folha de S. Paulo**. 05.01.1997 Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/1/05/mais!/14.html. Acesso em 03.01.2025

BARROS E SILVA, F. Encontro forma 'dissenso de Washington' [reportagem]. In: **Folha de S. Paulo**. 29.01.2001. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2901200116.htm Acesso em 03.01.2025.

BASSANI, A. D. *et al.* Entrevista: Paulo Arantes. In: **Humanidades em diálogo**, v. 8, p. 15-35, 2017.

BLOG do IMS. Paulo Arantes: o legado da Copa e os mecanismos de repressão. In: **Blog da Boitempo**. 30.06.2014. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2014/06/30/paulo-arantes-o-legado-da-copa-e-os-mecanismos-de-repressao/. Acesso em 03.01.2025

CARVALHO, B.; VIANA, S.; VIDAL FILHO, F. Fragmentos do intelectual [entrevista]. In: **Cult** – Revista Brasileira de Cultura. São Paulo, 02.08.2021. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/fragmentos-do-intelectual/. Acesso em 03.01.2025.

CITELLI, A. O.; CRIPA, M. A realidade contemporânea é economicista. In: ***Revista da Adusp***. Abril de 1998. Disponível em: https://sentimentodadialetica.org/dialetica/catalog/view/107/93/232. Acesso em 03.01.2025.

MANSUR, D. A Alca vem goela abaixo e é um desastre absoluto para nós. **Jornal Sem Terra**. Janeiro de 2002.

MARSIGLIA, I. O futuro que passou. In: **Blog da Boitempo**. 27.06.2013. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2013/06/27/o-futuro-que-passou/. Acesso em 03.01.2025.

PAULO Arantes: Nós estamos afundando não é pela repressão, nós estamos afundando internamente [transcrição de fala em blog]. In: **Em defesa da educação**. 05.01.2011. Disponível em: https://emdefesadaeducacao.wordpress.com/2011/01/05/paulo-arantes-nos-estamos-afundando-nao-e-pela-repressao-nos-estamos-afundando-internamente/. Acesso em 03.01.2025.

PECHANSKI, A. As marcas da extinção – entrevista de Paulo Arantes a Alexandre Pechanski. In: TEATRO de Narradores. **Caderno de ensaios 3**. São Paulo: Imprensa Oficial, p. 108-132, 2009.

PROFESSOR Paulo Arantes: a democracia na USP é uma ficção de nascença [transcrição de e-mail]. In: **Viomundo** - diário da resistência. 23.03.2012. Disponível em: https://www.viomundo.com.br/politica/professor-paulo-arantes-a-democracia-na-usp-e-uma-ficcao-de-nascenca.html. Acesso em 03.01.2025.

REZENDE, M. Um intelectual destrutivo. In: **Cult** – Revista Brasileira de Cultura. São Paulo, n. 84, ano VII, 2004.